

Je ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

DEMONIOS

OBRAS DE ALUIZIO AZEVEDO

ROMANCES

- Uma lagrima de mulher**—1879. Maranhão. Edição esgotada.
O Mulato—1880. Maranhão. Edição esgotada.—1889. Rio de Janeiro. Nova edição.
Memorias de um condemnado—1881. Rio de Janeiro. Edição esgotada.
Mysterio da Tijuca—1882. Rio de Janeiro.
Casa de pensão—1883. Rio de Janeiro. Edição esgotada.
Philomena Borges—1883. Rio de Janeiro. Edição esgotada.
O Coruja—1885. Rio de Janeiro.
O Homem—1887. Rio de Janeiro. 1.^a, 2.^a e 3.^a edições esgotadas. 1888. Novas edições.
O Cortiço—1890. Rio de Janeiro.

NOVELLAS E CONTOS

- Demonios**—1893. S. Paulo. Editores, Teixeira & Irmão.

THEATRO

- O Mulato**—1884. Drama em 3 actos. Representado no theatro *Recreio Dramatico*.
Casa de Orates—1882. Comedia em 3 actos. Collaboração com Arthur Azevedo. Theatro *Santa Anna*.
Flor de liz—1882. Opereta em 3 actos. Collaboração com Arthur Azevedo. Theatro *Santa Anna*.
Philomena Borges—1884. Comedia em 1 acto. Theatro *Principe Imperial*.
Venenos que curam—1885. Comedia em 4 actos. Collaboração com Emilio Rouede. Theatro *Lucinda*.
O Caboclo—1886. Drama em 3 actos. Collaboração com Emilio Rouede. Theatro *Lucinda*.
Os Sonhadores—1887. Comedia em 3 actos. Representada com o titulo *Macaquinhos no sotão*. Theatro *Santa Anna*.
Fritzmack—1888. Revista de anno. Collaboração com Arthur Azevedo. Representada no theatro *Variedades Dramaticas*.
A Republica—1890. Revista de anno. Collaboração com Arthur Azevedo. No theatro *Variedades Dramaticas*.
Um caso de Adulterio—1891. Drama em 3 actos. Collaboração com Emilio Rouede. No theatro *Lucinda*.
Em flagrante—1891. Comedia em 1 acto. Idem, idem.

A REPRESENTAR

- As minas de Salomão**—Phantasia em 5 actos.
O Inferno. Phantasia em 3 actos. Collaboração com Emilio Rouede.
A Mulher. Drama phantastico em 5 actos.

A PUBLICAR EM VOLUME

- Mortalha de Alzira**. Romance já publicado na *Gazeta de Noticias* com o pseudonymo de *Victor Leal*.

ALUIZIO AZEVEDO

DEMONIOS

*Les meilleurs livres sont ceux
que chaque lecteur croit qu'il au-
rait pu faire; la nature, qui seule
est bonne, est toute familière et
commune.*

PASCAL — PENSÉES.



S. PAULO

TEIXEIRA & IRMÃO — EDITORES

65 — RUA DE S. BENTO — 65

1893



Typographia da Empreza Litteraria e Typographica
Rua de D. Pedro, 184 — Porto.

AO CONSELHEIRO

Francisco de Paula Mayrinck

APREÇO E GRATIDÃO

Aluizio Azevedo.

Demonios — O macaco azul — Cadaveres insepultos —
Aos vinte annos — Das notas de uma viuva — Uma lição
— Musculos e nervos — O madeireiro — Os passarinhos —
Polytypo — No Maranhão — Como o demo as arma.

a Eduardo Valim

DEMONIOS

DEMONIOS

I

O meu quarto de rapaz solteiro era bem no alto; um mirante isolado, por cima do terceiro andar de uma grande e sombria casa de pensão da rua do Riachuelo, com uma larga varanda de duas portas, aberta contra o nascente, e meia duzia de janellas desafrentadas, que davam para os outros pontos, dominando os telhados da vizinhança.

Um pobre quarto, mas uma vista esplendida! Da varanda, em que eu tinha as minhas queridas violetas, as minhas begonias e os meus tinhorões, unicos companheiros

animados d'aquelle meu isolamento e d'aquella minha triste vida de escriptor, descortinava-se amplamente, nas encantadoras nuances da perspectiva, uma grande parte da cidade, que se extendia por ali afóra, com a sua pittoresca accumulacão de arvores e telhados, palmeiras e chaminés, torres de egreja e perfis de montanhas tortuosas, d'on-de o sol, atravez da atmosphaera, tirava, nos seus sonhos doirados, os mais bellos effeitos de luz. Os morros, mais perto, mais longe, erguiam-se alegres e verdejantes, ponteados de casinhas brancas, e lá se iam desdobrando, a fazer-se cada vez mais azues e vaporosos, até que se perdiam de todo, muito além, nos segredos do horisonte, confundidos com as nuvens, n'uma só coloração de tintas ideáes e castas.

Meu prazer era trabalhar ahi, de manhã bem cedo, depois do café, olhando tudo aquillo pelas janellas abertas defronte da minha velha e singela mesa de carvalho, bebendo

pelos olhos a alma d'essa natureza innocente e namorada, que me sorria, sem fatigar-me jamais o espirito com a sua graça ingenua e com a sua virgindade sensual.

E ninguem me viesse fallar em quadros e estatuetas; não! queria as paredes nuas, totalmente nuas, e os moveis sem adornos, porque a arte me parecia mesquinha e banal em confronto com aquella fascinadora realidade, tão simples, tão despretenciosa, e no emtanto tão rica e tão completa.

O unico desenho que eu conservava á vista, pendurado á cabeceira da cama, era um retrato de Laura, minha noiva prometida, e esse feito por mim mesmo, a pastel, representando-a com a roupa de andar em casa, o pescoço nu e o cabello prezo ao alto da cabeça por um laço de fita côr de rosa.

Quasi nunca trabalhava á noite; ás vezes, porém, quando me succedia acordar fóra d'horas, sem vontade de continuar a dormir, ia para a meza e esperava, lendo ou escrevendo, que amanhecesse.

Uma ocasião acordei assim, mas sem consciencia de nada, como se viesse de um d'esses longos somnos de doente a decidir; d'esses profundos e silenciosos, em que não ha sonhos, e dos quaes, ou se desperta victorioso, para entrar em ampla convalescença, ou se sae apenas um instante para mergulhar logo n'esse outro somno, ainda mais profundo, d'onde nunca mais se volta.

Olhei em torno de mim, admirado do longo espaço que me separava da vida e, logo que me senti mais senhor das minhas faculdades, estranhei não perceber o dia atravez das cortinas do quarto, e não ouvir, como de costume, pipilarem as cambachilras defronte das janellas, em cima dos telhados.

—E' que naturalmente ainda não ama-

nheceu. Também não deve tardar muito. calculei, saltando da cama e enfiando o roupão de banho, disposto a esperar sua alteza, o sol, assentado á varanda fumando um cigarro.

Entretanto, cousa singular! parecia-me ter dormido em demazia ; ter dormido muito mais da minha conta habitual. Sentia-me estranhamente farto de somno ; tinha a impressão lassa de quem passou da sua hora de acordar e foi entrando, a dormir, pelo dia e pela tarde, como só nos acontece tendo anteriormente perdido muitas noites seguidas.

Ora, commigo não havia razão para semelhante cousa, porque, justamente n'aquelles ultimos tempos, depois que estava noivo, recolhia-me sempre cedo e cedo me deitava. Ainda na vespera, lembro-me bem, depois do jantar sahira apenas a dar um pequeno passeio, fizera á familia de Laura a minha visita de todos os dias, e ás dez horas lá estava de volta, extendido na cama, com um

livro aberto sobre o peito, abocejou. Não passariam de onze e meia, quando peguei no somno.

Sim! não havia duvida que era bem singular não ter amanhecido! pensei, indo abrir uma das janellas da varanda.

Qual não foi, porém, a minha decepção quando, interrogando o nascente, dei com elle ainda completamente fechado e negro; e, abaixando o olhar, vi a cidade afogada em trevas e succumbida no mais profundo silencio!

Oh! Era singular, muito singular!

No céo as estrellas pareciam amortecidas, de um bruxolear diffuso e pallido; nas ruas os lampeões mal se acusavam por longas reticencias de uma luz deslavada e triste. Nenhum operario passava para o trabalho; não se ouvia o cantarolar de um ebrio, o rodar de um carro, nem o ladrar de um cão.

Singular! muito singular!

Accendi a véla e corri ao meu relógio de

algibeira. Marcava meia-noite. Leveio-o ao ouvido, com a avidez de quem consulta o coração de um moribundo; já não pulsava: tinha esgotado toda a corda. Fil-o começar a trabalhar de novo, mas as suas pulsações eram tão fracas, que eu, só com extrema dificuldade, conseguia distinguil-as.

— E' singular! muito singular! repetia, calculando que, se o relógio esgotara toda a corda, era porque eu então havia dormido muito mais ainda do que suppunha! eu então atravessara um dia inteiro sem acordar e entrara do mesmo modo pela noite seguinte.

Mas, afinal que horas seriam?.

Tornei á varanda, para consultar de novo aquella estranha noite, em que as estrellas desmaiavam antes de chegar a aurora. E a noite nada me respondeu, fechada no seu egoismo surdo e tenebroso.

Que horas seriam?. Se eu ouvisse algum relógio da visinhança! Ouvir?.

Mas se em torno de mim tudo parecia entorpecido e morto ? .

E veio-me a duvida de que eu tivesse ficado surdo durante aquelle maldicto somno de tantas horas ; e, fulminado por esta idéa, precipitei-me sobre o tympano da mesa, e vibrei-o com toda a força.

O som fez-se, porém abafado e lento, como se luctasse com grande resistencia para vencer o peso do ar.

E só então notei que a luz da véla, á semelhança do som do tympano, tambem não era intensa e clara como de ordinario e parecia opprimida por uma atmospherá de catacumba.

Que significaria isto ? . que estranho cataclismo abalaria o mundo ? . Que teria acontecido de tão trascendente durante aquella minha ausencia da vida, para que eu, á volta, viesse encontrar o som e a luz, as duas expressões mais impressionadoras do mundo physico, assim tropegas, e assim vacillantes,

nem que toda a natureza envelhecesse maravilhosamente, enquanto eu tinha os olhos fechados e o cerebro entorpecido?!.

— Illusão minha, com certeza! que louca és tu, minha pobre phantasia! D'aqui a nada estará amanhecendo, e todos estes teus caprichos, teus ou da noite, essa outra doida, desaparecerão aos primeiros raios do sol. O melhor é trabalharmos! Sinto-me até bem disposto para escrever! Trabalhemos! trabalhemos, que d'aqui a pouco tudo reviverá como nos outros dias! de novo os valles e as montanhas se farão esmeraldinos e alegres; e o céu transbordará da sua refulgente concha de turqueza a opulencia das côres e das luzes; e de novo ondulará no espaço a musica dos ventos; e as aves acordarão as rosas dos campos com os seus melódiosos duetos de amor! Trabalhemos! Trabalhemos!

Accendi mais duas vélas, porque só com a primeira quasi que me era impossivel enxergar; arranjei-me ao lavatorio; fiz una

chicara de café bem forte, tomeia-a, e fui para a mesa de trabalho.

II

D'ahi a um instante, vergado defronte do tinteiro, com o cigarro fumegando entre os dedos, não pensava absolutamente em mais nada, senão no que o bico da minha penna ia desfiando, caprichoso, do meu cerebro, para lançar, linha a linha, sobre o papel.

Estava de veia, com effeito ! As primeiras folhas encheram-se logo. Minha mão, a principio lenta, começou, pouco a pouco, a fazer-se nervosa, a não querer parar, e afinal abriu a correr, a correr, cada vez mais depressa ; disparando por fim ás cegas, como um cavallo que se esquentava e se inflamma na vértigem do galope.

Depois, tal febre de concepção se apoderou de mim, que perdi a consciencia de tudo,

e deixei-me arrebatado por ella, arquejante e sem folego, n'um vôo febril, n'um arranco violento, que me levava de rastros pelo ideal, aos tropeções com as minhas doidas phantasias de poeta.

E paginas e paginas se succederam. E as idéas, que nem um bando de demonios, vinham-me em borbotão, devorando-se umas ás outras, n'um delirio de chegar primeiro; e as phrases e as imagens acudiam-me, como relampagos, fuzilando, já promptas e armadas da cabeça aos pés. E eu, sem tempo de molhar a penna, nem tempo de desviar os olhos do campo de combate, ia arremeçando para traz de mim, uma após outra, as tiras escriptas, suando, arfando, succumbido nas garras d'aquelle feroz inimigo, que me aniquilava.

E luctei! e luctei! e luctei!

De repente, acordo d'esta vertigem, como se voltasse de um pesadelo, estonteado, com o sobresalto de quem, por uma briga de mo-

mento, esqueceu-se do grande perigo que o espera. Dei um salto da cadeira; varri inquieto o olhar em de redor. Ao lado da minha mesa havia um monte de folhas de papel cobertas de tinta; as vélas bruxuleavam a extinguir-se e o meu cinzeiro estava pejado de pontas de cigarro.

Oh! muitas horas deviam ter decorrido durante essa minha nova ausencia, na qual o somno agora não fôra cúmplice. Parecia-me impossivel haver trabalhado tanto, sem dar o menor accordo do que se passava em torno de mim.

Corri á janella.

Meu Deus! o nascente continuava fechado e negro; a cidade deserta e muda. As estrellas tinham empallidecido ainda mais, e as luzes dos lampeões transpareciam apenas, atravez da espessura da noite, como sinistros olhos que me piscavam da tréva.

Meu Deus! meu Deus, que teria acontecido?!

Accendi novas vélas, e notei que as suas chammas eram mais lividas que o fogo fatuo das sepulturas. Concheei a mão contra o ouvido, e fiquei longo tempo a esperar inutilmente que do profundo e gelado silencio lá de fóra me viesse um signal de vida.

Nada! Nada!

Fui á varanda; apalpei as minhas queridas plantas; estavam fanadas, e as suas tristes folhas pendiam mollemente para fóra dos vasos, como embamecidos membros de um cadaver ainda quente. Debrucei-me sobre as minhas estremecidas violetas e procurei respirar-lhes a alma embalsamada. Já não tinham perfume!

Attonito e ancioso volvi os olhos para o espaço. As estrellas, já sem contornos, deramavam-se na tinta negra do céu, como indecisas nodoas luminosas, que fugiam lentamente.

Meu Deus! meu Deus, que iria acontecer ainda?

Voltei ao quarto e consultei o relógio. Marcava dez horas.

Oh ! Pois já dez horas se tinham passado depois que eu abrira os olhos ? Por-que então não amanhecera em todo esse tempo ! Teria eu enlouquecido ?

Já trémulo, apanhei do chão as folhas de papel, uma por uma ; eram muitas, muitas ! E por melhor esforço que fizesse, não conseguia lembrar-me do que eu proprio n'ellas escrevera.

Apalpei as fontes ; latejavam. Passei as mãos pelos olhos, depois consultei o coração ; batia forte.

E só então notei que estava com muita fome e estava com muita sede.

Tomei a bilha d'agua e esgotei-a de uma assentada. Assânhou-se-me a fome.

Abri todas as janellas do quarto, em seguida a porta, e chamei pelo criado. Mas a minha voz, apesar do esforço que fiz para gritar, sahia froxa e abafada, quasi indistinguivel.

Ninguem me respondeu, nem mesmo o echo.

Meu Deus! Meu Deus!

E um violento calafrio percorreu-me o corpo. Principiei a ter medo de tudo; principiei a não querer saber o que se tinha passado em torno de mim durante aquelle maldicto somno traiçoeiro; desejei não pensar, não sentir, não ter consciencia de nada. O meu cerebro, todavia, continuava a trabalhar com a precisão do meu relógio, que ia desfiando os segundos inalteravelmente, enchendo minutos e formando horas.

E o ceu era cada vez mais negro, e as estrellas cada vez mais apagadas, como derradeiros e tristes lampejos de uma pobre natureza que morre!

Meu Deus! meu Deus! o que seria!

Enchi-me de coragem; tomei uma das vélas e, com mil precauções para impedir que ella se apagasse, desci o primeiro lance de escadas.

A casa tinha muitos commodos e poucos desoccupados. Eu conhecia quasi todos os hospedes. No segundo andar morava um medico; resolvi bater de preferencia á porta d'elle.

Fui e bati; mas ninguem me respondeu.

Bati mais forte. Ainda nada.

Bati então desesperadamente, com as mãos e com os pés. A porta tremia, abalava, mas nem o echo respondia.

Metti hombros contra ella e arrombeia-a. O mesmo silencio. Espichei o pescoço, espiei lá para dentro. Nada conseguí vêr; a luz da minha véla illuminava menos que a braza de um cigarro.

Esperei um instante.

Ainda nada.

Entrei.

III

O medico estava extendido na sua cama, embrulhado no lençol. Tinha contrahida a bocca e os olhos meio abertos.

Chamei-o ; segurei-lhe o braço com violencia e recuei aterrado, porque lhe senti o corpo rigido e frio. Approximei, tremulo, a minha véla contra o seu rosto immovel ; elle não abriu os olhos ; não fez o menor gesto. E na palidez das faces notei-lhe as manchas esverdeadas de carne que vae entrar em decomposição.

Afastei-me.

E o meu terror cresceu. E apoderou-se de mim o medo do incomprehensivel ; o medo do que se não explica ; o medo do que se não acredita. E sahí do quarto, querendo pedir soccorro, sem conseguir ter voz para gritar, e apenas resbunando uns vagidos gutturaes de agonisante.

E corri aos outros quartos, e, já sem bater, fui arrombando as portas que encontrei fechadas. A luz da minha véla, cada vez mais livida, parecia, como eu, tiritar de medo.

Oh! que terrível momento! que terrível momento! Era como se em torno de mim o nada insondavel e tenebroso escancarasse, para devorar-me, a sua enorme bocca viscosa e soffrega. Por todas aquellas camas, que eu percorria como um louco, só tateava corpos enregelados e hirtos.

Não encontrava ninguem com vida; ninguem!

Era a morte geral! a morte completa! uma tragedia silenciosa e terrível, com um unico espectador, que era eu. Em cada quarto havia um cadaver pelo menos! Vi mães apertando contra o seio os filhinhos mortos, tão mortos como ellas mesmas; vi casaes abraçados, dormindo aquelle derradeiro somno, enleitados ainda pelo ultimo delirio de seus amores; vi brancas figuras de mulher estate-

ladas no chão, decompostas na impudencia da morte; estudantes côr de cêra debruçados sobre a meza de estudo, os braços dobrados sobre o compendio aberto, defronte da lampada para sempre extincta. E tudo frio! e tudo immovel, como se aquellas vidas fossem de improviso apagadas pelo mesmo sopro; ou como se a terra, sentindo de repente uma grande fome, enlouquecesse e devorasse de uma só vez todos os seus filhos.

Percorri os outros andares da casa: Sempre o mesmo abominavel espectaculo!

Não havia mais ninguem! não havia mais ninguem! Tinham todos desertado em massa!

E porque? E para onde tinham fugido aquellas almas, n'um só vôo, arribadas como um bando de aves forasteiras?

Estranha gréve!

Mas porque não me chamaram, a mim tambem, antes de partir?. Porque me abandonaram sósinho entre aquelle pavaroso despojo nauseabundo? . .

Que teria sido, meu Deus? que teria sido tudo aquillo?. Porque toda aquella gente fugia em segredo, silenciosamente, sem a extrema despedida dos moribundos, sem os gritos da agonia?. E eu, execravel excepção! por que continuava a existir, acotovelando os mortos e fechado com elles dentro da mesma catacumba?

Então, uma idéa fuzilou rapida no meu espirito, pondo-me no coração um sobresalto horrivel.

Lembrei-me de Laura. N'aquelle momento, estaria ella, como os outros, tambem inanimada e gélida; ou, triste retardataria! ficaria á minha espera, impaciente por desferir o mysterioso vôo?. Em todo o caso era para lá, para junto d'essa adorada e virginal creatura, que eu devia ir sem perda de tempo; junto d'ella, viva ou morta, é que eu devia esperar a minha vez de mergulhar tambem no tenebroso pelago!

Morta?! Mas por que morta?. se eu

vivia, era bem possível que ella tambem visse ainda!

E que me importava o resto, que me importavam os outros todos, comtanto que eu a tivesse viva e palpitante nos meus braços?!

Meu Deus! e se nós ficássemos os dous sosinhos na terra, sem mais ninguém, ninguém? Se nos vissemos a sós, ella e eu, estreitados um contra o outro, n'um eterno egoismo paradisiaco, assistindo recomeçar a criação em torno do nosso isolamento?

assistindo, ao som dos nossos beijos de amor, formar-se de novo o mundo; brotar de novo a vida, acordando toda a natureza, estrella por estrella, aza por aza, petala por petala?...

Sim! sim! Era preciso correr para junto d'ella!

IV

Mas a fome torturava-me cada vez com mais furia. Era impossivel levar mais tempo sem comer. Antes de socorrer o coração era preciso socorrer o estomago.

A fome! O amor! Mas, como todos os outros morriam em volta de mim e eu pensava em amor e eu tinha fome? A fome, que é a voz mais poderosa do instincto da conservação pessoal, como o amor é a voz do instincto da conservação da especie! A fome e o amor, que são a garantia da vida; os dous inalteraveis polos do eixo em que ha milhões de seculos gira mysteriosamente o mundo organico!

E, no entanto, não podia deixar de comer antes de mais nada. Quantas horas teriam decorrido depois da minha ultima refeição? Não sabia; não conseguia calcular sequer. O meu relógio, agora inutil, marca-

va estupidamente doze horas. Doze horas de qué?. Doze horas!. isto que vinha a ser?. Doze horas! Que significaria esta p'alayra?.

Arremecei o relógio para longe de mim, despedaçando-o contra a parede.

O' meu Deus! se continuasse para sempre aquella incomprehensivel noite, como poderia eu saber os dias que se passavam?.

Como poderia marcar as semanas e os mezes?. O tempo é o sol; se o sol nunca mais yoltasse, o tempo deixaria de existir; só haveria eternidade!

E eu me senti perdido n'um grande nada indefinido, vago, sem fundos e sem contornos.

Meu Deus! meu Deus! quando terminaria aquelle supplicio?!

Desci ao andar terreo da casa, apressando-me agora para aproveitar a mesquinha luz da véla, que, pouco a pouco, me abandonava tambem.

Oh! só a idéa de que era aquella a derradeira luz que me restava! A idéa da escuridão completa que seria depois, fazia-me gelar o sangue. Trevas e mortos, que horror!

Penetrei na sala de jantar. A porta tropecei no cadaver de um cão; passei adiante. O criado jazia extendido junto á meza, espumando pela bocca e pelas ventas; não fiz caso. Do fundo dos quartos vinha já um bafo enjoativo de putrefacção ainda recente.

Arrombei o armario, apoderei-me da comida que lá havia e devorei-a, como um animal, sem procurar talher. Depois, bebi, sem copo, uma garrafa de vinho. E, logo que senti o estomago reconfortado, e, logo que o vinho me alegrou o corpo, foi-se-me enfraquecendo a idéa de morrer com os outros, e foi-me nascendo a esperança de encontrar vivos lá fóra, na rua. O diabo era que a luz da véla minguéra tanto que agora brilhava menos que um pyrilampo. Tentei accender,

outras. Vão esforço! a luz ia deixar de existir.

E, antes que ella me fugisse para sempre, comecei a encher as algibeiras com o que sobrou da minha fome.

Era tempo! era tempo! porque a miseravel chamma, depois de espreguiçar-se um instante, foi-se contrahindo, a tremer, a tremer, bruxeleando, até sumir-se de todo, como o extremo lampejo do olhar de um moribundo.

E fez-se então a mais completa e a mais cerrada escuridão que é possível conceber. Era a treva absoluta; treva de morte; treva de chãos; treva, que só comprehende quem tiver os olhos arrancados e as orbitas completamente vasias; treva, como devia ter sido antes de existir no firmamento a primeira nebulosa.

Foi terrivel o meu abalo, fiquei espavorido, como se ella me apanhasse de surpresa. Inchou-me por dentro o coração, suffocando-me a garganta; gelóu-se-me a medula e sec-

cou-se-me a lingua. Senti-me como entalado ainda vivo no fundo de um tumulto estreito; senti desabar sobre minha pobre alma, com todo o seu peso de maldição, aquella immensa noite negra e devoradora.

Immovel, arquejei por algum tempo n'esta agonia.

Depois extendi os braços e, arrastando os pés, procurei tirar-me d'alli ás apalpadelas.

Atravessei o longo corredor, esbarrando em tudo, como um cego sem guia. E conduzi-me lentamente até ao portão de entrada.

Sahi.

Lá fóra, na rua, o meu primeiro impulso foi olhar para o espaço. Estava tão negro e tão mudo como a terra. A luz dos lampeões apagára-se de todo, e no ceu já não havia o mais tenue vestigio de uma estrella!

Treva! Treva! E só treva!

Mais eu conhecia muito bem o caminho da casa de minha Laura, e havia de lá chegar, custasse o que custasse!

Dispuz-me a partir, tenteando o chão com os pés, sem despregar das paredes as minhas duas mãos abertas na altura do rosto.

Passo a passo, venci até á primeira esquina. Esbarrei com um cadaver, encostado ás grades de um jardim ; apalpei-o ; era um policia. Não me detive ; segui adiante, dobrando para a rua transversal.

Começava a sentir frio. Uma densa humidade sahia da terra, tornando aquella maldicta noite ainda mais dolorosa. Mas não desanimei, prosegui pacientemente, medindo o meu caminho, palmo a palmo, e procurando reconhecer pelo tacto o logar em que me achava.

E seguia, seguia lentamente.

Já me não abalavam os cadaveres com que eu topava pelas calçadas. Todo o meu sentido concentrava-se nas minhas mãos ; a minha unica preocupação era não desorientar-me e perder-me na viagem.

E lá ia, lá ia, arrastando-me de porta em

porta, de casa em casa, de rua em rua, com a silenciosa resignação dos cegos desamparados.

De vez em quando, era preciso deter-me um instante, para respirar mais á vontade. Doiam-me os braços de os ter continuamente erguidos. Seccava-se-me a bocca. Um enorme canção invadia-me o corpo inteiro. Ha quanto tempo durava já esta tortura? não sei; apenas sentia claramente que, pelas paredes, o bolor principiava a formar altas camadas de uma vegetação aquosa, e que meus pés se encharcavam cada vez mais no lodo que o solo resumbrava.

Veio-me então o receio de que eu, d'ahi a pouco, não pudesse reconhecer o caminho e não lograsse por conseguinte chegar ae meu destino. Era preciso, pois, não perder um segundo; não dar tempo ao bolor e á lama de esconderem de todo o chão e as paredes.

E procurei, n'uma afflicção, aligeirar o passo, a despeito da fadiga que me acabru-

nhava. Mas, ah! era impossivel conseguir mais do que arrastar-me penosamente, como um verme ferido.

E o meu desespero crescia com a minha impotencia e com o meu sobresalto.

Miseria! Agora já me custava até distinguir o que meus dedos tenteavam, porque o frio os tornara dormentes e sem tacto.

Mas arrastava-me, arquejante, sequioso, coberto de suor, sem folego; mas arrastava-me.

Arrastava-me.

Afinal, uma alegria agitou-me o coração: minhas mãos acabavam de reconhecer as grades do jardim de Laura. Reanimou-se-me a alma. Mais alguns passos, alguns passos sómente, e eu estaria á sua porta!

Fiz um extremo esforço e rastejei até lá.

Emfim!

E deixei-me cahir prostrado, n'aquelle mesmo patamar, que eu, d'antes, tantas vezes atravessara ligeiro e alegre, com o peito a estalar-me de felicidade.

A casa estava aberta. Procurei o primeiro degrau da escada e ahi cahi de rojo, sem forças ainda para galgal-a.

E resfoleguei, com a cabeça pendida, os braços abandonados ao descanzo, as pernas entorpecidas pela humidade. E, todavia, ai de mim! as minhas esperanças feneciam ao frio sopro de morte que vinha lá de dentro.

Nem um rumor! Nem o mais leve murmurio! Nem o mais ligeiro signal de vida! Terrivel desillusão aquelle silencio presagiava!

As lagrimas começaram a correr-me pelo rosto, tambem silenciosas.

Descancei longo tempo ; depois ergui-me e puz-me a subir a escada, lentamente, lentamente.

V

Ah! Quantas recordações aquella escada me trazia!. Era ahi, nos seus ultimos degraus, junto ás grades de madeira polida, que eu, todos os dias, ao despedir-me de Laura, trocava com esta o silencioso juramento do nosso olhar. Foi ahi que eu pela primeira vez lhe beijei a sua formosa e pequenina mão de brasileira.

Estaquei, todo vergado lá para dentro, escutando.

Nada!

Entrei na sala de visitas, vagarosamente, abrindo caminho com os braços abertos, como se nadasse na escuridão.

Reconheci lá os primeiros objectos em que tropecei; reconheci o velho piano de armario, onde ella costumava tocar as suas peças favoritas; reconheci as estantes, pejadas de partituras, onde nossas mãos muitas ve-

zes se encontraram, procurando a mesma musica; e depois, avançando alguns passos de somnambulo, dei com a poltrona, a mesma poltrona em que ella, reclinada, de olhos baixos e chorosos, ouvio corando o meu protesto de amor, quando, tambem pela primeira vez, me animei a confessar-lh'o.

Oh! como tudo isso agora me acabrunhava de saudade!. Conhecemo-nos havia cousa de cinco annos; Laura então era ainda quasi uma criança, e eu ainda não era bem um homem. Vimo-nos um domingo, pela manhã, ao sairmos da missa. Eu ia ao lado de minha mãe, que n'esse tempo ainda existia, e.

Ah! mas, para que estava agora a reviver semelhantes recordações?.

Acaso tinha eu o direito de pensar em amor?. Pensar em amor, quando, em torno de mim, o mundo inteiro se transformava em lodo?.

Esbarrei contra uma mesinha redonda,

tacteei-a, achei sobre ella, entre outras cousas, uma bilha d'agua ; bebi sequiosamente. Em seguida procurei achar a porta, que communicava com o interior da casa ; mas vacillei. Tremiam-me as pernas e arquejava-me o peito.

Oh ! Já não podia haver o menor vislumbre de esperança !. Aquelle canto sagrado e tranquillo, aquella habitação da honestidade e do pudor, tambem foram varridos pelo implacavel sopro da morte !

Mas era preciso decidir-me a entrar. Quiz chamar por alguém ; não consegui articular mais do que o murmurio de um segredo indistinguivel.

Fiz-me forte ; avancei ás apalpadelas. Encontrei uma porta ; abri-a. Penetrei n'uma saleta ; não encontrei ninguem. Caminhei para diante ; entrei na primeira alcova, tacteei o primeiro cadaver.

Pelas barbas reconheci logo o pae de Laura. Estava deitado no seu leito ; tinha a

bocca humida e viscosa, e o muco que me sujou os dedos cheirava mal.

Limpei as mãos á roupa e continuei a minha tenebrosa revista.

No quarto immediato, a mãe de minha noiva jazia ajoelhada defronte do seu oratorio; •ainda com as mãos postas, mas o rosto já pendido para a terra. Corri-lhe os dedos pela cabeça; ella desabou para o lado, dura como uma estatua. A queda não produziu ruido.

Continuei a andar.

O quarto que se seguia era o de Laura; sabia-o perfeitamente. O coração agitou-se-me sobresaltado; mas fui caminhando sempre, com os braços extendidos e a respiração convulsa.

Nunca houvera ousado penetrar naquella casta alcova de donzella, e um respeito profundo immobilisou-me junto á porta, como se me pezasse profanar, com a minha presença, tão puro e religioso asylo do pudor.

Era, porém, indispensavel que eu me convencesse de que Laura tambem me havia abandonado como os outros ; que me convencesse de que ella consentira que a sua alma, que era só minha, partisse com as outras almas desertoras ; que eu d'isso me convencesse, para então cahir alli mesmo a seus pés, fulminado, amaldiçoando a Deus e á sua loucura !

E havia de ser assim ! Havia de ser assim, porque, antes, mil vezes antes, morto com ella do que vivo sem a possuir ! Que me importava o resto, comtanto que ella vivesse ? .

Entrei no quarto. Apalpei as trevas. Não havia sequer o rumor da aza de uma mosca.

Adiantei-me.

Achei uma estreita cama, castamente velada por ligeiro cortinado de cambraia. Affastei-o, e, continuando a tactear, encontrei um corpo, mimoso e franzino, todo fechado n'um roupão de flanella. Reconheci aquelles for-

mosos cabellos setinosos : reconheci aquella carne delicada e virgem ; aquella pequenina mão, e tambem reconheci a alliança, que eu mesmo lhe collocára n'um dos dedos.

Mas oh ! Laura, a minha estremecida Laura, estava tão fria e tão inanimada como os outros !

E um fluxo de soluços, abafados e sem éco, sahiu-me do coração.

Ajoelhei-me junto á cama e, tal como fizera com as minhas violetas, debrucei-me sobre aquelle pudibundo rosto já sem vida, para respirar-lhe o balsamo da alma. Longo tempo meus labios, que as lagrimas ensopavam, áquelles frios labios se collaram, no mais sentido, no mais terno e profundo beijo, que se deu sobre a terra.

— Laura ! balbuciei tremente. O' minha

Laura! Pois será possível que tu, pobre e querida flôr, casta companheira das minhas esperanças! será possível que tu também me abandonasses. sem uma palavra ao menos. indifferente e alheia como os outros?. Para onde tão longe e tão precipitadamente te partiste, doce amiga, que do nosso misero amor nem a mais ligeira lembrança me deixaste?.

E, cingindo-a nos meus braços, tomei-a contra o peito, a soluçar de dôr e de saudade.

— Não ; não ! disse-lhe sem voz. Não me separarei de ti, adoravel despojo! Não te deixarei aqui sósinha, minha Laura! Viva, eras tu que me conduziás ás mais altas regiões do ideal e do amor ; viva, eras tu que davas azas ao meu espirito, energia ao meu coração e garras ao meu talento ! Eras tu, luz de minha alma, que me fazias ambicionar futuro, gloria, immortalidade ! Morta, has de arrastar-me contigo ao insondavel pélago do nada !

Sim! Desceremos ao abysmo, os dous, abraçados, eternamente unidos, e lá ficaremos para sempre, como duas raizes mortas, entretecidas e petrificadas no fundo da terra!

Sim! sim, minha esposa e minha sombra querida, se tua alma impaciente não esperou, por minha alma, teu corpo será na morte o companheiro inseparavel do meu corpo! Meus braços não te deixarão nunca mais! nunca mais! Aqui, n'este peito, onde repousas agora o teu formoso rosto já sem vida, tens tu o teu tumulo! Meus ultimos pensamentos e meus ultimos beijos serão as flores da tua sepultura!

E, em vão tentando fallar assim, chamei-a de todo contra meu corpo, entre soluços, osculando-lhe os cabellos.

O' meu Deus! Estaria sonhando? Dir-se-ia que a sua cabeça levemente se movêra, para melhor repousar sobre meu hombro!... Não seria illusão do meu proprio amor despedaçado? . .

— Laura! tentei dizer, mas a voz não me passava da garganta.

E collei de novo os meus labios contra os labios d'ella.

— Laura! Laura!

Oh! Agora sentira perfeitamente. Sim! sim! não me enganava! Ella vivia! Ella vivia ainda, meu Deus!

VI

E comecei a bater-lhe na palma das mãos, a soprar-lhe os olhos, a agitar-lhe o corpo entre meus braços, procurando chamal-a á vida.

E não haver uma luz! E eu não poder articular palavra! E não dispôr de recurso algum para lhe poupar ao menos o sobresalto que a esperava quando recuperasse os sentidos!

Que anciedade! Que terrivel tormento!

E, com ella recolhida ao collo, assim prostrada e muda, continuei a murmurar-lhe ao ouvido as palavras mais doces que toda a minha ternura conseguia descobrir nos segredos do meu pobre amor.

Ella começou a reanimar-se; seu corpo foi a pouco e pouco recuperando o calor perdido.

Seus labios entreabriam-se já, respirando de leve.

— Laura! Laura!

Final, senti as suas pestanas roçarem-me na face. Ella abria os olhos.

— Laura!

Não me respondeu de nenhum modo, nem tão pouco se mostrou sobresaltada com a minha presença. Parecia somnambula, indifferente á escuridão e ao fedor nauseabundo que vinha dos outros quartos.

Meu Deus! Laura teria enlouquecido?...

— Laura! minha Laura!

·Approximei os labios de seus labios ainda

frios, e senti um murmurio suave e medroso exprimir o meu nome.

Oh! ninguem, ninguem póde calcular a commoção que se apossou de mim! Todo aquelle tenebroso inferno por um instante se alegrou e sorriu.

E, n'esse transporte de todo o meu ser, não entrava, todavia, o menor contingente da sensualidade. N'esse momento todo eu pertencia a um delicioso estado mystico, alheio completamente á vida animal. Era como se me transportasse para outro mundo, reduzido a uma essencia ideal e indissolúvel, feita de amor e bemaventurança. Comprehendi então esse vôo ethereo de duas almas aladas na mesma fé, deslizando juntas pelo espaço em busca do paraizo. Senti a terra mesquinha para nós, tão grandes e tão alevantados no nosso sentimento. Comprehendi a divinal e suprema voluptia do noivado de dous espiritos que se unem para sempre. Comprehendi o dulcissimo enlevo de Eloyza; comprehendi

o extasis das virgíneas esposas de Jesus, quando, queimadas em vida, sorriam tranquillamente para o céu :

— Minha Laura ! Minha Laura !

Ella passou-me os braços em volta do pescoço e uniu sua bocca á minha, para dizer que tinha sede.

Lembrei-me da bilha d'agua. Ergui-me e fui, ás apalpadellas, buscal-a onde estava.

Depois de beber, Laura perguntou-me se a luz e o som nunca mais voltariam. Respondi vagamente, sem comprehender como podia ser que ella se não assustava n'aquellas trevas e não me repellia do seu leito de donzella.

Era bem estranho o nosso modo de conversar. Não fallavamos, apenas moviamos com os labios. Havia um mysterio de suggestão no commercio das nossas idéas ; tanto que, para nos entendermos melhor, precisavamos ás vezes unir as cabeças, frente com frente.

E semelhante processo de dialogar em silencio fatigava-nos, a ambos, em extremo. Eu sentia distinctamente, com a testa collada á testa de Laura, o esforço que ella fazia para comprehender bem o meu pensamento.

Por esse meio deu-me conta dos ultimos successos de sua vida; disse-me que, ao despertar aquella interminavel noite, encontrára o p ae j a morto; puzera-se ent ao a rezar ao lado de sua m ae, defronte do oratorio; e que, ao cabo de muitas horas, quando sahiu da concentra o da supplica, notou que estava ao lado de um cadaver. Quiz pedir soccorro; sahir  a rua para chamar alguem, mas f ora detida por uma vertigem que a prostr ara no leito.

Entretanto, n ao me parecia revoltada contra tamanhos infortunios. E a sua tranquilla resigna o fez-me corar do meu desespero t ao cerrado at e alli.

Mais calmo, contei-lhe por minha vez o que presenci ara. Disse-lhe que todos, todos,

á excepção de nós dous sómente, tinham morrido.

E interrogamos um ao outro, ao mesmo tempo, o que seria então de nós, perdidos e abandonados no meio d'aquelle tenebroso campo de mortos? Como poderíamos sobreviver a todos os nossos semelhantes?... Como poderíamos existir sem luz, sem voz e sem ter o que comer?.

Emmudecemos por longo espaço, de mãos dadas e com as frentes unidas.

Resolvemos morrer juntos.

Sim! Era tudo que nos restava! Mas, de que modo realisar esse intento?... Que morte descobriríamos capaz de arrebatarnos aos dous de uma só vez?.

Calamo-nos de novo, ajustando melhor as frentes, cada qual mais absorto pela mesma preocupação.

Ella, por fim lembrou o mar. Sahiriamos juntos á procura d'elle, e abraçados pereceríamos no fundo das aguas.

Concordei, mas disse-lhe quanto seria difficil andar agora pelas ruas. Descrevi-lhe a lucta que tive para conseguir chegar até alli. Era tudo lodo e era tudo trevas !

Mas tambem não podiamos ficar n'aquella casa por mais tempo. Os cadaveres tresandavam peste.

Em todo caso, era preferivel ir procurar a morte lá fóra.

Laura ajoelhou-se e rezou, pedindo a Deus por toda aquella humanidade que partira antes de nós. Depois ergueu-se, passou-me o braço na cintura, e começamos juntos a tactear a escuridão, dispostos a cumprir o nosso derradeiro voto.

Ao atravessarmos um dos quartos, nossos olhos tiveram uma grande surpresa : viram alguma coisa.

Sim ! Vimos ! Vimos, alli mesmo, a alguns passos de nós, um estranho e bello objecto luminoso, cercado de flamma azul e verde, e com uma linda luz de pedras preciosas.

Dir-se-hia uma caprichosa baixella refulgente, de prata e ouro, toda cravejada de diamantes, saphiras e rubis.

Approximamo-nos avidamente para observar de mais perto o que seria aquillo tão bonito que assim resplandecia nas trevas. Mas, ao tocar-lhe, levantou-se um mortifero fedor de podridão e fez-se defronte de nós um ondular de fogos fatuos, com todas as gammas do verde luminoso.

Enorme esmeralda flamejante, cuja fulguração oscillava em ondas phosphorescentes, derramando uma livida claridade, em que nos contemplámos os dous, aterrados e trémulos.

Era, que horror! o cadaver do pae de Laura, resplandecendo no auge da sua decomposição. Aquelles lindos fogos cambiantes sahiam-lhe do ventre espocado.

Fugimos espavoridos, sem desprender os braços um do outro, a correr, tropeçando em tudo, e alumiados, como dous demonios, por

aquella pyra da podridão, n'uma infernal apotheose de sabbat.

E, atropeladamente, ganhamos a escada, cujos degraus a lama e o bolor, victoriosos, tinham já invadido por tal modo, que nos despenhamos juntos, rolando até cahir lá fóra, na rua, abraçados e arquejantes.

VII

Lá fóra a humidade crescia, liquefazendo a crusta da terra. O chão tinha já uma sorvedeira accumulção de lodo, em que o pé se atolava como n'um tujucal de mangues. As ruas estreitavam-se entre duas florestas de bolor, que nasciam de cada lado das paredes.

Laura e eu, presos um ao outro pela cintura, arriscamos os primeiros passos e puzemo-nos a andar com extrema difficuldade, procurando a direcção do mar, tristes e mudos, como os dous enxotados do paraiso.

Pouco a pouco foi-nos ganhando uma profunda indiferença por toda aquella treva e por toda aquella lama, em cujo ventre, nós, pobres vermes, penosamente nos moviamos. E deixamos que os nossos espiritos, desarmados da faculdade de fallar, se procurassem e se contendessem por conta propria, n'um mysterioso idyllio em que as nossas almas se estreitavam e se confundiam.

Agora, já não nos era preciso unir as frentes ou os labios para trocar idéas e pensamentos. Nossos cerebros travavam entre si um continuo e silencioso dialogo, que em parte nos adoçava as penas d'aquella triste viagem para a morte ; emquanto os nossos corpos esquecidos, iam machinalmente proseguindo, passo a passo, por entre o limo pegajoso e humido.

Lembrei-me das provisões que trazia na algibeira ; offereci-lh'as ; Laura recusou-as, affirmando que não tinha fome.

Reparei então que eu tambem não sentia

agora a menor vontade de comer, e, o que era mais singular, não sentia frio.

E continuámos a nossa peregrinação e o nosso dialogo. Ella, de vez em quando, repousava a cabeça no meu hombro, e paravamos para descansar.

Mas o lodo crescia, crescia, e o bolor condensava-se de um lado e de outro lado, mal nos deixando uma estreita vereda, por onde, no entanto, proseguíamos sempre, arrastando-nos abraçados.

Já não tacteavamos o caminho, nem era preciso, porque não havia que receiar o menor choque. Por entre a densa vegetação do mofo, nasciam agora da direita e da esquerda, almofadando a nossa passagem, enormes cogumellos e fungões, pennugentos e avelludados, contra os quaes escorregavamos como por sobre arminhos pôdres.

A'quella absoluta ausencia do sol e do calor, formavam-se e cresciam esses monstros da treva, disformes seres humidos e

molles; tortulhos gigantescos, cujas polpas esponjosas, como immensos tuberculos de tísico, nossos braços não podiam abarcar.

Era horrivel essa fungosa e peganhenta familia de gordos agáricos de todos os feitios e dimensões, já bojudos e abaúlados; já concavos e chatos; já pyramidaes, afunilados, redondos, calvos e cabelludos. Era horrivel sentil-os crescer assim phantasticamente, inchando ao lado e defronte uns dos outros como se toda a actividade molecular e toda a força aggregativa e atomica que povoava a terra, os céus e as aguas, viesse concentrar-se n'elles, para n'elles resumir a vida inteira. Era horrivel, para nós, que nada mais ouviamos, sentil-os inspirar e respirar, como animaes, sorvendo gulosamente o oxigenio d'aquella infindavel noite.

Ai! desgraçados de nós, minha querida Laura! De tudo que vivia á luz do sol só elles persistiam; só elles e nós dous, tristes

privilegiados n'aquella fria e tenebrosa desorganisação do mundo!

Meu Deus! Era como se n'esse nojento viveiro, borbulhante do lodo e da treva, viéra refugiar-se a grande alma do mal, depois de repellida por todos os infernos.

Respiramos um momento, sem trocar uma idéa; depois, resignados, continuamos a caminhar para diante, presos á cintura um do outro, como dous miseros criminosos, condemnados a viver eternamente.

VIII

Era-nos já de todo impossivel reconhecer o logar por onde andavamos, nem calcular o tempo que havia decorrido depois que estavamos juntos. A's vezes se nos afigurava que muitos e muitos annos nos separavam do ultimo sol; outras vezes parecia-nos a ambos que aquellas trevas tinham-se fechado

em torno de nós apenas alguns momentos antes.

O que sentíamos bem claro era que os nossos pés cada vez mais se entranhavam no lodo, e que toda aquella humidade grossa, da lama e do ar espesso, já nos não repugnava, como a principio, e dava-nos agora, ao contrario, certa satisfação voluptuosa em embeber-nos n'ella, como se por todos os nossos poros a sorvessemos para nos alimentar.

Os sapatos foram-se-nos a pouco e pouco desfazendo, até nos abandonarem descalços completamente. E as nossas vestimentas reduziram-se a farrapos immundos.

Laura estremeceu de pudor com a idéa de que em breve estaria totalmente despida e descomposta. Soltou os cabellos para se abrigar com elles, e pediu-me que apressassemos a viagem, para vêr se alcançavamos o mar, antes que as roupas a deixassem de todo.

Depois calou-se por muito tempo.

Comecei a notar que os pensamentos d'ella

iam progressivamente rareando, tal qual succedia aliás commigo mesmo.

Minha memoria embutava-se.

Afinal, já não era só a palavra fallada que nos fugia ; era tambem a palavra concebida. Nossos cerebros principiavam a bestialisar-se.

As luzes da nossa intelligencia desmaiaavam lentamente, como no céu as tremulas estrellas, que pouco a pouco se apagaram para sempre.

Já não viamos ; já não fallavamos ; iamos tambem deixar de pensar.

Meu Deus ! era a treva que nos invadia ! Era a treva, bem o sentiamos ! que começava, gota a gota, a cahir dentro de nós.

Só uma idéa, uma só, nos restava por fim : descobrir o mar, para pedir-lhe o termo d'aquella horrivel agonia. Laura passou-me os braços em volta do pescoço, supplicando-me com o seu derradeiro pensamento que eu não a deixasse viver por muito tempo ainda.

E avançamos com maior coragem, na esperança de morrer.

IX

Mas, á proporção que o nosso espirito por tal estranho modo se neutralisava, fortalecia-se-nos o corpo maravilhosamente, a refazer-se de seiva no meio nutritivo e fertilisante d'aquella decomposição geral.

Sentiamos perfeitamente o mysterioso trabalho de revisceração que se tratava dentro de nós; sentiamos o sangue enriquecer de fluidos vitaes e activar-se nos nossos vasos, circulando vertiginosamente a martellar por todo o corpo. Nosso organismo transformava-se n'um laboratorio, revolucionado por uma chusma de demonios.

E nossos musculos robusteceram-se por encanto, e os nossos membros avultaram n'um continuo desenvolvimento. E sentimos

crescer os ossos, e sentimos a medulla pullular, engrossando e augmentando, dentro d'elles. E sentimos as nossas mãos e os nossos pés tornarem-se fortes, como os de um gigante; e as nossas pernas encorparem, mais consistentes e mais ageis; e os nossos braços se extenderem, massiços e poderosos.

E todo o nosso systema muscular se desenvolveu de subito, em prejuizo do systema nervoso, que se amesquinhou progressivamente.

Fizemo-nos herculeos, de uma pujança de animaes ferozes, sentindo-nos capazes cada qual de affrontar impavidos todos os elementos do globo e todas as luctas pela vida physica.

Depois de apalpar-me surprezo, tacteei o pescoço, o tronco e os quadris de Laura. Parecia-me ter debaixo das minhas mãos de gigante a estatua colossal de uma deusa pagã. Seus peitos eram fecundos e opulentos; suas ilhargas cheias e grossas como as de um ani-

mal bravio; sua cabeça pequena e redonda, como as das Venus da Grecia antiga.

E, assim refeitos, puzemo-nos a andar familiarmente n'aquelle lodo, como se fomos creados n'elle. Tambem já não podiamos ficar um instante no mesmo lugar, inactivos; uma irresistivel necessidade de exercicio arrastava-nos, a despeito da nossa vontade, agora fraca e mal segura. E, quanto mais se nos embrutecia o cerebro, tanto mais os nossos membros reclamavam actividade e acção; sentiamos gosto em correr, correr muito, cabriolando por ali afóra, e sentiamos impetos de lutar, de vencer, de dominar alguem com a nossa força.

Laura atirava-se contra mim, n'uma caricia selvagem e pletorica, apanhando-me a bocca com os seus labios fortes de mulher irracional, e estreitava-se commigo sensualmente, mordendo-me os hombros e os braços, como se me quizesse acordar os desejos da carne.

E lá iamós, continuando inseparaveis n'aquella nossa nova maneira de existir, sem memoria de outra vida, amando-nos com toda a força dos nossos impulsos, e para sempre esquecidos um no outro, como os dous últimos parasitas do cadaver de um mundo.

Certa vez, de surpresa, nossos olhos tiveram de novo a alegria de vêr.

Uma enorme e diffusa claridade phosphorescente extendia-se defronte de nós, a perder de vista.

Era o mar.

Estava morto e quieto.

Um triste mar, sem ondas e sem soluços chumbado á terra na sua profunda immobillidade de orgulhoso monstro abatido.

Fazia dó vel-o assim, cencentrado e mudo saudoso das estrellas, viuvo do luar.

Sua grande alma branca, de antigo luctador, parecia debruçar-se ainda sobre o resfriado cadaver d'aquellas aguas silenciosas, chorando as extinctas noites, claras e felizes,

em que ellas, como um bando de naya-
des alegres, vinham aos saltos, tontas de
alegria quebrar na praia as suas risadas de
prata.

Pobre mar! Pobre athleta! Nada mais
lhe restava agora sobre o plumbeo dorso phos-
phorescente do que tristes esqueletos dos ul-
timos navios, alli fincados, espectraes, e ne-
gros, como inuteis e partidas cruces de um
velho cemiterio abandonado.

X

Approximamo-nos d'aquelle pobre oceano
morto. Tentei invadil-o, mas meus pés não
acharam que distinguir entre a sua phospho-
rescente gelatina e a lama negra da terra.
Tudo era igualmente lodo.

Laura conservava-se immovel, como que
aterrada defronte do immenso cadaver lumi-
noso. Agora, assim, contra a embaciada la-

mina das aguas, nossos perfis se destacavam tão bem, como, ao longe, se destacavam as ruínas dos navios.

Já nos não lembravamos absolutamente da intenção de afogar-nos juntos.

Com um gesto chamei-a para meu lado. Laura, sem dar um passo, encarou-me com espanto, estranhando-me. Tornei a chamal-a. Não veio. Fui ter então com ella.

Mas Laura, ao vêr-me approximar, deu medrosa um ligeiro salto para traz, e pôz-se a correr pela extensão da praia, como se fugisse a um monstro desconhecido.

Precipitei-me tambem, para alcançal-a.

Vendo-se perseguida, ella atirou-se ao chão, a galopar, quadrupedando, que nem um animal. Eu fiz o mesmo, e, cousa singular! notei que me sentia muito mais á vontade n'essa posição de quadrupede do que na minha natural posição de homem.

Assim galopamos longo tempo á beira mar; eu, porém, percebendo que a minha

companheira me fugia assustada para o lado das trevas, tentei detel-a e soltei um grito, soprando com toda a força o ar dos meus pulmões de gigante. Nada mais consegui do que dar um ronco de besta. Laura, todavia respondeu com outro. Corri para ella, e os nossos berros ferozes perderam-se longamente por aquelle mundo vasio e morto.

Alcancei-a por fim ; ella havia cahido por terra, prostrada de fadiga. Deitei-me ao seu lado, rosnando e bufando de cansaço.

Na escuridão reconheceu-me logo ; tomou-me contra o seu corpo e affagou-me instinctivamente.

Quando resolvemos continuar a nossa peregrinação, foi de quatro pés que nos puzemos a andar ao lado um do outro, naturalmente e sem dar por isso.

Então meu corpo principiou a revestir-se de um pello espesso. Apalpei as costas de Laura e observei que com ella acontecia a mesma cousa.

Assim era melhor, porque ficaríamos perfeitamente abrigados do frio, que agora augmentava.

Depois, senti que os meus maxilares se dilatavam de modo estranho, e que as minhas prezas cresciam, tornando-se mais fortes, mais adequadas ao ataque, e que, lentamente, se affastavam dos dentes queixaes ; e que meu craneo se achatava ; e que a parte inferior do meu rosto se alongava para a frente, afilando como um focinho de cão ; e que meu nariz deixava de ser aquilino e perdia a linha vertical, para acompanhar o alongamento da mandibula ; e que emfim as minhas ventas se patenteavam, arregaçadas para o ar, humidas e frias.

Laura, ao meu lado, soffria iguaes transformações.

E notamos que, á medida que se nos apagavam uns restos de intelligencia e o nosso tacto se perdia, apurava-se-nos o olfacto de um modo admiravel, tomando as proporções

de um faro certo e subtil, que alcançava leguas.

E galopavamos contentes ao lado um do outro, grunhindo e sorvendo o ar, satisfeitos de existir assim. Agora, o fartum da terra encharcada e das materias em decomposição, longe de enjoar-nos, chamava-nos a vontade de comer. E os meus bigodes, cujos fios inteiriçavam-se como cerdas de porco, serviam-me para sondar o caminho, porque as minhas mãos haviam afinal perdido de todo a delicadeza do tacto.

Já me não lembrava, por melhor esforço que empregasse, uma só palavra do meu idioma, como se eu nunca tivera fallado em minha vida. Agora, para entender-me com Laura, era preciso uivar; e ella me respondia do mesmo modo.

Não conseguia tambem lembrar-me nitidamente de como fôra o mundo antes d'aquellas trevas e d'aquellas nossas metamorphoses, e até já me não recordava bem de como

tinha sido a minha propria physionomia primitiva, nem a de Laura.

Entretanto, meu cerebro funcionava ainda, lá a seu modo, porque, afinal, tinha eu consciencia de que existia e preocupava-me em conservar junto de mim a minha companheira, a quem agora só com os dentes affagava, mordendo-lhe o pescoço e as ancas.

Quanto tempo se passou assim para nós, n'esse estado de irracionaes, é o que não posso dizer; apenas sei que, sem saudades de outra vida, trotando ao lado um do outro, percorriamos então o mundo, perfeitamente familiarisados com a treva e com a lama, esfossinhando no chão, á prócura de raizes e detrictos animaes, que devoravamos com prazer. E sei que, ao sentir-nos cansados, extendiamo-nos por terra e dormiamos, juntos e tranquillos, perfeitamente felizes, porque não pensavamos e porque não soffriamos.

XI

Uma occasião, porém, em que nos levantavamos de um d'esses somnos, senti os pés tropegos, pesados, e como que propensos a entranhar-se pelo chão. Apalpei-os e encontrei-lhes as unhas molles e abaladas, a despregarem-se. Laura, junto de mim, observou em si a mesma cousa. Começamos logo a arrancar-as com os dentes, sem experimentar-mos a menor dôr; sahiam-nos como cascas de ferida já sarada. Depois, passamos a fazer o mesmo com as das mãos, e as pontas dos nossos dedos, logo que se acharam despojadas das unhas, transformaram-se n'uma especie de ventosa de polvo, numas boccas de sanguessuga, que se dilatavam e contrahiam incessantemente, sorvendo gulosas o ar e a humidade.

Os pés começaram-nos a radiar em longos e avidos tentaculos de polypos, e os seus

filamentos e as suas radículas emminhocaram pelo lodo fresco do chão, procurando soffregos internar-se bem na terra, para ir lá dentro beber-lhe o humus azotado e nutriente. Enquanto que os dedos das mãos esgalhavam-se, um a um, ganhando pelo espaço e chupando o ar voluptuosamente pelos seus respiradores, fossando e fungando, irriquiuetos e morosos, como trombas de elephanté.

Desesperado, ergui-me em toda a minha longa estatura de gigante e sacudi os braços, tentando dar um arranco, para soltar-me do solo.

Foi inutil. Nem só não consegui despregar meus pés enraizados no chão, como fiquei de mãos atiradas para o alto, n'uma postura mystica de berama, arrebatado no extasis religioso.

Laura, igualmente presa á terra, ergueuse rente commigo, peito a peito, entrelaçando nos meus seus braços esgalhados e procurando unir sua bocca á minha bocca.

E assim nos quedamos para sempre, alli plantados e seguros, sem nunca mais soltarnos um do outro, nem mais podermos mover com os nossos duros membros contra-hidos.

E, pouco a pouco, nossos cabellos e nossos pelos foram-se-nos desprendendo e cahindo lentamente pelo corpo abaixo. E cada póro que elles deixavam era um novo respiradouro que se abria, para beber a noite tenebrosa. Então sentimos que o nosso sangue fôra a mais e mais se arrefecendo e desfibrinando, até ficar de todo transformado n'uma seiva lymphatica e fria. Nossa medulla começou a endurecer e revestir-se de camadas lenhosas, que substituíam os ossos e os musculos; e nós fomos surdamente nos lignificando, nos encascando, a fazer-nos fibrosos desde o tronco até ás hastes e ás estipulas.

E os nossos pés, n'um mysterioso trabalho subterraneo, continuavam a lançar pelas entranhas da terra as suas longas e insacia-

veis raizes ; e os dedos das nossas mãos continuavam a multiplicar-se, a crescer, e a esfolhar, como galhos de uma arvore que reverdece.

Nossos olhos desfizeram-se em gomma espessa e escorreram-nos pela crusta da cara, seccando depois como resina ; e das suas orbitas vazias começaram de brotar muitos rebentões viçosos. Os dentes despregaram-se, um por um, cahindo de per si, e as nossas bocças murcharam-se inuteis, vindo, tanto dellas, como de nossas ventas já sem faro, novas vergonteadas e renovos que abriam novas folhas e novas bracteadas.

E agora só por estas e pelas extensas raizes de nossos pés é que nos alimentavamos para viver.

E viviamos.

Uma existencia tranquilla, doce, profundamente feliz, em que não havia desejos, nem saudades; uma vida imperturbavel e surda, em que os nossos braços iam por si mesmos se

extendendo preguiçosamente para o céu, a reproduzirem novos galhos, d'onde outros rebentavam, cada vez mais copados e verdejantes. Ao passo que as nossas pernas, entrelaçadas n'um só caule, cresciam e engrossavam, cobertas de armaduras corticaes, fazendo-se imponentes e nodosas, como os estalados troncos d'esses velhos gigantes das florestas primitivas.

XII

Quietos e abraçados na nossa silenciosa felicidade, bebendo longamente aquella inabalavel noite, em cujo ventre dormiam mortas as estrellas, que nós d'antes tantas vezes contemplavamos embevecidos e amorosos, crescemos juntos e juntos extendemos os nossos galhos, e as nossas raizes, não sei por quanto tempo.

Não sei tambem se demos flor e se demos

fructos ; tenho apenas consciencia de que depois, muito depois, uma nova immobildade, ainda mais profunda, veio enrijar-nos de todo. E sei que as nossas fibras e os nossos tecidos endureceram, a ponto de cortar a circulação dos fluidos que nos nutriam ; e que o nosso polposo amago e a nossa medula foise alcalinando, até de todo converter-se em grés siliciosa e calcarea ; e que afinal fomos perdendo gradualmente a natureza de materia organica para assumirmos os caracteres do mineral.

Nossos gigantescos membros, agora completamente desprovidos da sua folhagem, contrahiram-se hirtos, suffocando os nossos póros ; e nós dous, sempre abraçados, nos inteiriçamos n'uma só mólle informe, sonora e massiça, onde as nossas veias primitivas, já seccas e tolhidas, formavam sulcos ferruginosos, feitos como que do nosso velho sangue petrificado.

E, seculo a seculo, a sensibilidade foi-se-

nos perdendo n'uma sombria indiferença de rocha. E, seculo a seculo, fomos de grés de chisto ao supremo estado da crystalisação.

E vivemos, vivemos, e vivemos, até que a lama que nos cercava principiou a dissolver-se n'uma substancia liquida, que tendia a fazer-se gasosa e a desagregar-se, perdendo o seu centro de equilibrio; uma gasificação geral, como devia ter sido antes do primeiro matrimonio entre as duas primeiras moleculas que se encontraram e se uniram e se fecundaram, para começar a interminavel cadeia da vida, desde o ar atmospherico até ao silice, desde o eozoon até ao bipede.

E oscillamos indolentemente n'aquelle oceano fluido.

Mas, por fim, sentimos faltar-nos o apoio, e resvalamos no vacuo, e precipitamo-nos pelo ether.

E, abraçados a principio, soltamo-nos depois e começamos a percorrer o firmamento, gyrando em volta um do outro, como um

casal de estrellas errantes e amorosas, que vão espaço a fóra em busca do ideal.

*

* *

Ora ahi fica, leitor paciente, n'essa duzia de capitulos desenxabidos, o que eu, n'aquella maldicta noite de insomnia, escrevi no meu quarto de rapaz solteiro, esperando que Sua Alteza o Sol se dignasse de abrir a sua audiencia matutina com os passaros e com as flôres.

a Coelho Netto

O MACACO AZUL

O MACACO AZUL

Hontem, mexendo nos meus papeis velhos, encontrei a seguinte carta :

«Caro senhor.

Escrevo estas palavras possuido do maior desespero. Cada vez menos esperança tenho de alcançar o meu sonho dourado — O seu macaco azul não me sae um instante do pensamento! E' horrivel! Nem um verso!

Do amigo infeliz

Paulino. »

Não parece um disparate este bilhete ?

Pois não é. Ouçam o caso e verão !

Uma noite — isto vae ha um bom par de annos — conversava eu com o Arthur Barreiros no largo da Mãe do Bispo, a respeito dos ultimos versos então publicados pelo conselheiro Octaviano Rosa, quando um sujeito, de fraque côr de café com leite, veio a pouco e pouco, aproximando-se de nós e deixou-se ficar a pequena distancia, com a mão no queixo, ouvindo attentamente o que conversavamos.

— O Octaviano, sentenciou o Barreiros, o Octaviano faz magnificos versos, lá isso ninguem lhe pode negar ! mas, tem paciencia ! o Octaviano não é poeta !

Eu sustentava precisamente o contrario, afirmando que o applaudido Octaviano fazia máos versos, tendo aliás uma verdadeira alma de poeta, e poeta inspirado.

O Barreiros replicou, accumulando em

abono da sua opinião uma infinidade de argumentos de que já me não lembro.

Eu trepliquei firme, citando os alexandrinos errados do conselheiro.

O Barreiros não se deu por vencido e exigiu que eu lhe apontasse alguém no Brazil que soubesse architectar alexandrinos melhor que S. Ex.^ª

Eu respondi com esta phrase esmagadora :

— Quem ? Tu !

E acrescentei, dando um piparote na aba do chapéo e segurando o meu contendor, com ambas as mãos pela golla do fraque :

— Queres que te falle com franqueza ?.

Isto de fazer versos inspirados e bem feitos ; ou, por outra : isto de ser ou não ser poeta, depende unica e exclusivamente de uma coisa muito simples.

— O que é ?

— E' ter o segredo da poesia ! Se o sujeito está senhor do segredo da poesia, faz, brin-

cando, a quantidade de versos que entender, e todos bons, correctos, faceis, harmoniosos; e, se o sujeito não tem o segredo, escusa de quebrar a cabeça! pode ir cuidar de outro officio, porque com as musas não arranjará nada que preste! Não és do meu parecer?

— Sim, nesse ponto estamos de pleno accordo, conveio o Barreiros. Tudo está em possuir o segredo!

E, tomando uma expressão de orgulho concentrado, rematou, abaixando a cabeça e olhando-me por cima das lunetas: — Segredo, que qualquer um de nós dous conhece melhor que as palmas da propria mão!

— Segredo que eu me preso de possuir, como até hoje ninguem o conseguiu, declarei convicto.

E com esta phrase me despedi e separei-me do Arthur. Elle tomou para os lados de Botafogo, onde morava, e eu desci pela rua da Guarda Velha.

Mal dera sozinho alguns passos, o tal

sujeito de fraque côr de café com leite aproximou-se de mim, tocou-me no hombro, e disse-me com summa delicadeza :

— Perdão, cavalheiro ! Queira desculpar interrompel-o. Sei que vae estranhar o que lhe vou dizer, mas.

— Estou ás suas ordens. Pode fallar.

— E' que ainda ha pouco, quando o senhor conversava com o seu amigo, affirmou a respeito da poesia certa coisa que muito e muito me interessa. Desejo que m'a explique.

Bonito ! pensei eu. E' algum parente ou algum admirador do Conselheiro Octaviano, que vem tomar-me uma satisfação ! Bem feito ! Quem me manda a mim ter a lingua tão comprida ?.

— Entremos aqui no jardim da fabrica, propoz o meu interlocutor ; tomaremos um copo de cerveja em quanto o senhor far-me-á o obsequio de esclarecer o ponto em questão.

O tom destas palavras tranquillizou-me

em parte. Concordei e fomos assentar-nos em volta de uma mesinha de ferro, defronte de dous chopos, por debaixo de um pequeno grupo de palmeiras.

— O senhor, principiou o sujeito, depois de tomar dous goles do seu copo, declarou ainda ha pouco que possui o segredo da poesia. Não é verdade?

Eu olhei para elle muito serio, sem conseguir perceber onde diabo queria o homem chegar.

— Não é verdade? insistiu com empenho. Nega que ainda ha pouco declarou possuir o segredo dos poetas?

— Gracejo!. Foi puro gracejo de minha parte. respondi, sorrindo modestamente. Aquillo foi para mexer com o Barreiros, que — aqui para nós — na prosa é um purista, mas que a respeito de poesia, não sabe distinguir um alexandrino de um decasyllabo. Tanto elle como eu nunca fizemos versos; creia!

— O' senhor! por quem é não negue! fale com franqueza!

— Mas juro-lhe que estou confessando a verdade.

— Não seja egoista!

E o homem chegou a sua cadeira para junto de mim e segurou-me uma das mãos.

— Diga! supplicou elle, diga por amor de Deus qual é o tal segredo; e conte que, desde esse momento, o senhor terá em mim o seu amigo mais reconhecido e devotado!

— Mas, meu caro senhor, juro-lhe que.

O typo interrompeu-me, tapando-me a bocca com a mão, e exclamou de veras commovido:

— Ah! Se o senhor soubesse; se o senhor pudesse imaginar quanto tenho até hoje soffrido por causa disto!

— Disto o qué? A poesia?

— E' verdade! Desde que me entendo, procuro a todo o instante fazer versos! Mas qual! em vão consumo nessa lucta de

todos os dias os meus melhores esforços e as minhas mais profundas concentrações!... E' inutil! Todavia, creia, senhor, o meu maior desejo, toda a ambição de minha alma, foi sempre, como hoje ainda, compor alguns versos, poucos que fossem, fracos muito embora; •mas, com um milhão de raios! que fossem versos! e que rimassem! e que estivessem metrificadas! e que dissessem alguma coisa!

— E nunca até hoje o conseguiu?. in-terroguei, sinceramente pasmo.

— Nunca! Nunca! Se o metro não sae mão, é a idéa que não presta; e se a idéa é mais ou menos acceitavel, em vão procuro a rima! A rima não chega nem á mão de Deus Padre! Ah! tem sido uma campanha! uma campanha sem treguas! Não me farto de ler os mestres; sei de cór o compendio do Castilho; trago na algibeira o Diccionario de consoantes; e não consigo um soneto, uma estrophe, uma quadra! Foi por isso que pen-

sei cá commigo: «Quem sabe se haverá algum mysterio, algum segredo, nisto de fazer versos?. algum segredo, de cuja posse dependa em rigor a faculdade de ser poeta?. .» Ah! e o que não daria eu para alcançar semelhante segredo?!. Matutava nisto justamente, quando o senhor, conversando com o seu amigo, affirmou que o segredo existe com effeito, e, melhor ainda, que o senhor o possui, podendo por conseguinte transmittil-o adiante!

— Perdão! perdão! O senhor está enganado, eu.

— Oh! não negue! Não negue por quem é! O senhor tem fechada na mão a minha felicidade! Se não quer que eu enlouqueça confie-me o segredo! Peço-lhe! supplico-lhe! Dou-lhe em troca a minha vida, se a exige!

— Mas, meu Deus! o senhor está completamente illudido!. Não existe semelhante cousa!. Juro-lhe que não existe!

— Não seja máo! Não insista em recu-

sar um obsequio que lhe custa tão pouco e que vale tanto para mim! Bem sei que ha de prezar muito o seu segredo, mas dou-lhe minha palavra de honra como me conservarei digno d'elle até á morte! Vamos! declare! falle! diga logo o que é, ou nunca mais o largarei! nunca mais o deixarei tranquillo! Diga ou serei eternamente a sua sombra!

— Ora esta! Como quer que lhe diga que não sei de semelhante segredo?!

— Não m'ò negue por tudo o que o seu coração mais ama n'este mundo!

— O senhor tomou a nuvem por Juno! Não comprehendeu o sentido de minhas palavras!

— O segredo! O segredo! O segredo!

Perdi a paciencia. Ergui-me e exclamei disposto a fugir:

— Quer saber o que mais?! Vá para o diabo que o carregue!

— Espere, senhor! Espere! Ouça-me por amor de Deus!

— Não me aborreça! Ora bolas!

— Hei de perseguil-o até alcançar o segredo!

E, como de facto, o tal sujeito acompanhou-me logo com tamanha insistencia, que eu, para ver-me livre d'elle, prometti-lhe afinal que lhe havia de revelar o mysterio.

No dia seguinte já lá estava o demonio do homem defronte da minha casa e não me largava a porta.

Para o restaurante, para o trabalho, para o theatro, para toda a parte, acompanhava-me aquelle implacavel fraque côr de café com leite, a pedir-me o segredo por todos os modos, de viva voz, por escripto e até por mimica, de longe.

Eu vivia já nervoso, doente com aquella

obsessão. Cheguei a pensar em queixar-me á policia ou emprehender uma viagem.

Occorreu-me, porém, uma idéa feliz, e mal a tive disse ao typo que estava resolvido a confiar-lhe o segredo.

Elle quasi perde os sentidos de tão contente, que ficou. Marcou-me logo uma entrevista em logar seguro; e, á hora marcada, lá estávamos os dois.

— Então que é?. perguntou-me o monstro, esfregando as mãos.

— Uma cousa muito simples, segredei-lhe eu. Para qualquer pessoa fazer bons versos, seja quem fôr, basta-lhe o seguinte:— Não pensar no macaco azul — Está satisfeito?

— Não pensar no. ?

— Macaco azul. Abstrahir do espirito, completamente, a idéa do macaco azul!

— Macaco azul? O que é o macaco azul...?

— Pergunta a quem não lhe sabe responder ao certo. Imagine um grande simio azul ferrete, com as pernas e os braços bem com-

pridos, os olhos pequeninos, os dentes muito brancos, e ahí tem o senhor o que é o macaco azul.

— Mas que ha de commum entre esse mono e a poesia?

— Tudo, visto que, em quando o senhor estiver com a idéa no macaco azul, não pode compor um verso!

— Mas eu nunca pensei em semelhante bicho!

— Parece-lhe; é que ás vezes a gente está com elle na cabeça e não dá por isso.

— Pois hoje mesmo vou fazer a experiencia. Ora quero ver se desta vez.

— Faça e verá!

No dia seguinte, o pobre homem entrou-me pela casa como um raio. Vinha furioso.

— Agora, gritou elle, é que o diabo do

bicho não me larga mesmo ! E' pegar eu na penna, e ahi está o maldicto a dar-me voltas ao miolo !

— Tenha paciencia ! Espere alerta a occasião em que elle não lhe venha á idéa e aproveite-a logo para escrever seus versos.

— Ora ! Antes o senhor nunca me fallasse no tal bicho ! Assim, nem só continuo a não fazer versos, como ainda quebro a cabeça de ver se consigo não pensar no demonio do macaco !

E foi nestas circumstancias que Paulino me escreveu aquella carta.

a Emilio Rouede

CADAVERES INSEPULTOS

CADAVERES INSEPULTOS

I

Havia nada menos de trinta e cinco annos que eu deixára a minha provincia natal, quando lá tornei pela primeira vez.

Trinta e cinco annos ! Quantas voltas não déra o mundo durante essa longa ausencia !. Quantas transformações não se operaram dentro e fóra de mim !. Quantos sonhos abortados depois que eu de lá partira ! Quanta felicidade perdida para sempre !. Quantas e quantas saudades das minhas primitivas desgraças !.

Ah, meus amigos ! definitivamente, a me-

lhora posição social não vale a mais insignificante das nossas illusões de moço! .. Ao separar-me da familia, tinha por unico capital os meus ricos dezoito annos, uma bella saude, uma bonita figura, em dinheiro cem mil réis apenas,—mas uma incalculavel fortuna em aspirações da melhor especie.

Confiava em mim proprio mais do que em Deus! Suppunha-me convictamente predestinado ao papel mais glorioso deste seculo, e sentia-me devéras capaz de conquistar o mundo inteiro só com o meu talento.

O meu talento! Tem graça!

Não levei muito tempo para desconfiar delle; e taes foram as consequencias dessa desconfiança, que acabei profundamente convencido de que elle nunca existira.

Os primeiros dias de fome no Rio de Janeiro fizeram-me adiar para mais tarde os meus grandes projectos de conquista, e atiraram commigo e com os meus sonhos nos fundos poeirentos de um jornal, onde, me-

diante quarenta mil réis por mez, revi provas durante meio anno, das sete ás dez da noite.

• Nas horas de sol cultivava a musa e as mulheres, e procurava emprego mais rendoso.

Como este, porém, não viesse logo? apesar das muitas barretadas que fiz ás influencias politicas d'essa época, desembestei a dar lições de portuguez e francez por algumas casas particulares e arranjei empregar-me n'um collegio de rapazes, onde me davam almoço e jantar nos dias uteis e um magro ordenadinho, que me chegava mal para os charutos e para o vicio dos livros, pois que as minhas pretensões litterarias em nada até então se tinham enfraquecido.

A' força de publicar versos e pequenos contos amorosos, escorreguei da meza da revisão para a meza da redacção da folha, a principio como simples noticiarista, mas depois, graças ao meu genio affoito, fui simul-

taneamente chronista, traductor do romance rodapé e redactor dos debates da camara.

Arranjava, benza-me Deus! tudo isso muito mal alinhavado, porém, tal era o meu geito para lisongear aos que me podiam servir em alguma cousa, que um conselheiro palerma, rico e vaidoso, enternecido com o que eu disse a seu favor em um artigo do fundo especial, ajudou-me a fazer os preparatorios na instrucção publica e mandou-me para S. Paulo estudar direito.

Fui e matriculei-me.

Seguiu-se então para mim uma temporada difficil, uma temporada de expedientes, de dinheiros emprestados, de privações de toda a especie, porque o meu protector do acaso falleceu pouco depois, sem deixar testamento.

Mas, o grande caso é que me formei aos vinte e cinco annos e, acto continuo, pedi em matrimonio a moça a quem mais namorei durante o curso.

Era feia, vesga e mal feita de corpo. Não podia inspirar amor a ninguém; mas trazia oitenta contos de reis, e isso me convinha.

→ Não obstante, a família negou-m'a tenazmente, e eu tive, de accordo com a vesga, que me adorava, de tiral-a de casa por justiça.

Casamo-nos, e, pouco depois, reconciliamo-nos com os parentes. Uns imbecis todos elles!

Em seguida mudei-me de novo para a côrte; metti-me na politica; fiz-me conservador, e adulei quanto pude o monarcha, a despeito das idéas republicanas, que em S. Paulo préguei pela imprensa e pela tribuna.

Tratei logo de fundar um jornal do meu partido e, com franqueza o confesso, persegui, sem dó nem lealdade, os meus ex-correligionarios e os meus adversarios liberaes. Servi-me de todas as armas da intriga para sobresahir e ganhar popularidade; menti, ca-

lumniei aquelles que me poderiam fazer sombra ; desmoralisei quanto pude os que me não admiravam, ou não fingiam admirar-me, e procurei inutilisar principalmente os moços de talento que surgiam, porque n'elles enxergava os meus futuros inimigos.

Final, depois de tres annos de gymnastica na imprensa, tendo já obtido do governo certa concessão, que negociei por mais do que esperava ; condecorado e em caminho de apanhar um titulo, lancei as vistas para a camara dos deputados e cabalei sem descansar, intrigando de novo a Deus e ao mundo, gastando forte, mas conseguindo, ao cabo da campanha, sahir eleito por um districto que eu nem se quer visitei.

Por essa occasião morreu-me a esposa, deixando-me uma filhinha, a quem, apezar de estremecel-a sinceramente, tive de confiar aos cuidados de estranhos.

No fim do meu quatrienio, um amigo politico, encarregado pelo imperador de organi-

sar novo gabinete, offereceu-me a pasta da marinha.

Nada entendia dos interesses d'esse ministerio, mas acceitei com enthusiasmo o honroso convite e juro que, até hoje, nenhum ministro foi mais activo e mais honesto do que eu, pelo menos na apparencia. Dissoram, é verdade, alguns contrarios, que enriqueci com a advocacia administrativa, mas ora! que valor podia inspirar semelhante accusação, se ninguem se queixou nunca de ter sido lesado por mim e se ninguem seria capaz de provar as maroteiras que me attribuiam?.

Não! não procurei attrahir as correntes da fortuna; foi a fortuna que se atirou para meu lado e alagou-me nas suas aguas beneficicas.

Devia ter fugido? Quem é tolo pede a Deus que o mate, porque é indigno da vida!

Uma vez rico, fiz-me visconde e aos quarenta annos, meu nome figurava na lista triplíce de senador, esperando a quasi certa es-

colha de Sua Magestade, que, alheio á maledicencia dos meus collegas, continuava a ver em mim um patriota zeloso e honestissimo!

Bom velho! Todavia, nunca mais fui ministro e não o deploro.

Como tinha bastante dinheiro, viajei a Europa e parte da America, voltando d'esse passeio com um livro de impressões, que me valeu no Brazil a fama de litterato de fina tempera, posto que bem poucas pessoas se déssem ao trabalho de lel-o.

O livro era dedicado ao Imperador e trazia uma carta de Victor Hugo, em francez.

No Rio de Janeiro recebi com enorme surpresa, a noticia de que um tio meu, fallecido na provincia, instituirá-me seu principal herdeiro.

Estranhei o facto, porque esse parente nunca se lembrára de fazer-me bem, emquanto precisei do seu auxilio. Por varias vezes escrevi-lhe de S. Paulo, pedindo-lhe soccorros, quando eu vivia com o estomago vasio e

com os sapatos rotos ; o miseravel não respondeu a nenhuma das cartas, selladas sabe Deus com que sacrificio ! Por occasião da minha vinda para o sul — lembro-me d'isso como se houvéra sido hontem — minha pobre mãe, coitada, cheia de necessidades, viuva, devorada de desgostos, e soffrendo principalmente por ter de separar-se de mim, foi e mais eu, á casa d'elle, pedir-lhe que me ajudasse com uma mezadinha qualquer, uma mezada pequena ; o unhas de fome negou-se logo, queixando-se quasi a chorar, de que os seus negocios iam muito mal, e contentou-se em atirar-me uma esmola de dez mil réis. Annos depois, quando, sem dar-me tampo de ser bom filho, partiu d'este mundo aquella santa, os antigos camaradas de meu pai tiveram de quotisar-se para pagar um caixão e um padre, sem o que o misero cadaver teria ido para o cemiterio dentro do carro da Misericordia.

E eis que agora estoirava a besta, deixan-

do-me cincoenta contos em acções, dois predios e uma fazendola com um punhado de escravos.

O diabo que lhe fallasse n'alma!

• II

Foi n'estas condicções que voltei ao logar do meu nascimento, trinta e cinco annos depois de lá ter sahido.

Ia recolher uma herança e repousar um pouco.

Imagine-se que esplendida recepção não me fizeram.

Bonds fretados, embandeiramento pela rua, musica, foguetes, vivas, abraços, flôres atiradas da janella sobre minha cabeça, discursos e discursos que era um horror, porque a gloriosa provincia, que teve a honra de me dar ao mundo, é uma das mais temiveis para esse genero de flagello.

Em volta do meu nome, ou do meu titulo, fervia sincero enthusiasmo. Ninguem os expunha, quer em publico, quer em simples conversa particular; fosse de bocca, fosse por escripto, sem atrellal-os aos mais brilhantes e bonitos adjectivos: eu era «o illustre — o festejado — o laureado — o querido — o talentoso — o bom — o generoso — o leal — o adoravel — o virtuoso — o insigne — o nobre — o inexcedivel — o genial!» Homens e mulheres, creanças e velhos, todos me sorriam; todos procuravam agradar-me; todos procuravam fazer-me bem; todos me adulavam!

Sim! Agora, que eu já não precisava de pessoa alguma, estavam todos mais que dispostos a trocar a ultima camisa por uma rosa, que este seu criado, de passagem, calcaria aos pés, indifferentemente.

Durante os primeiros dias choveram-me convites e presentes de todos os cantos e recantos da provincia. Os ricos mandavam-me

parelhas de cavallos estimados, joias de alto preço, valiosos objectos d'arte, raridades preciosas e antiquissimas, velhas porcellanas consagradas pelo tempo, e quadros que tinham historia. Os pobres, esses, coitados! davam-me versos, flôres, fructas, passari-nhos e aves, trabalhos de paciencia, chinellas bordadas pelas filhas solteiras, gôrros de veludo cosidos á mão, bengallas das mais exquisitas madeiras da provincia; a que tudo eu retribuia com dinheiro, dinheiro puro, sem disfarces de mimo ou de emprestimo; dinheiro crú, como os chorados dez mil réis, com que o meu detestavel tio respondeu ás sagradas lagrimas de minha mãe.

Bem percebia, cá commigo, que semelhante modo de corresponder á fineza dos pobres diabos era-lhes constrangedor e humilhante. Elles não queriam o meu dinheiro; queriam a minha estima e o meu reconhecimento. Eu, porém, é que não estava absolutamente disposto a dever nada a ninguem.

Aos ricos indemnizava dos seus mimos com esplendidas festas e brindes encomiasticos; aos outros pagava á bocca do cofre, para não ter de recebê-los em minhas salas; o que, vamos e venhamos! seria incommodo, pois a pobreza é cousa muito respeitavel, e eu já me tinha deshabituaado de respeitar tudo que não fôsse a minha propria pessoa.

Isto não impedia, está claro, que continuassem a venerar-me com a mesma dedicação e com a mesma sinceridade. E, no entanto, ah, homens! homens! em minha grande vida eu nada fizera, nem procurára fazer, por toda aquella gente! Nada me deviam, nada!

Eu não era, tão pouco, um d'esses genios gloriosos, aos quaes a parva humanidade, para fazer-se ainda menor do que é, adora de joelhos, servilmente, só porque elles tiveram a ventura de nascer genios; não era tambem um santo, um d'esses martyres en-deusados á força de penitencia e sacrificios

de bocca; não era igualmente um bravo, cujo heroismo houvesse vingado os brios da patria; não era sequer um benemerito da minha provincia porque jámais gastára com ella um vintem ou um minuto de trabalho. O meu proprio livro de impressões de viagem, que arranjei com o fim exclusivo de accrescentar á minha nomeada certo prestigio que lhe faltava, não era meu; era um apanhado de notas, que fui colhendo d'aqui e d'alli, ora n'um volume, ora n'uma palestra, ora n'um artigo de jornal. Meu, verdadeiramente meu, nada havia lá dentro, porque, franqueza! franqueza! nunca descobri ou encontrei em mim um pensamento novo; nunca tive uma idéa original; nunca inventei a cousa mais insignificante; nunca andei afinal, senão pelos caminhos já batidos e explorados por todo o mundo.

Sim! sim! nunca me arrisquei por veredas desconhecidas, e n'isso consistia justamente o segredo das minhas faceis victorias.

Foi por isso, e só por isso, que jamais encontrei obstáculos na minha carreira e avancei sempre, cada vez mais feliz.

Feliz!

Ah! eis ao justo o que eu me suppunha, e o que eu então era com effeito. Um homem feliz, e nada mais; um homem feliz em toda a seductora extensão da palavra!

Ora, como a felicidade é tudo, eu julgava ter tudo!

E como não? Quem não está disposto a servir aos mimalhos da sorte? A humanidade, coherente na sua perversa mesquinhez, ama os venturosos e tem horror aos desgraçados. Tudo n'este mundo se perdôa, menos a infelicidade; nenhum crime é tão feio e tão repugnante como a miseria; nenhum criminoso é tão abjecto como o necessitado, porque a necessidade é, de todos os delictos, o mais ridiculo e o mais incommodo para o proximo. Sem dinheiro não se póde ser um homem sério; não se póde ter character, nem coração;

a bondade é um prazer dispendioso, a liberalidade é um luxo dos ricos. Para ser bom amigo, ou bom filho, ou bom pai, ou bom marido, ou simplesmente bom homem, é indispensavel que a bolsa corresponda ás fraquezas da alma, e a bolsa nem sempre pode corresponder a semelhante cousa.

Eu, por conseguinte, era o melhor dos filhos da minha provincia, porque era o mais bastado.

Meu ouro bemfazejo comprou, por pechincha, muita lagrima de gratidão legitima; provocou muita sympathia desinteressada; levantou as pontas de muito sorriso verdadeiro.

Pois se eu era tão bom!

E era-o de çara alegre, sem fazer sacrificios, sem alterar, em nada absolutamente, o meu bem estar e a minha preciosa saude.

Oh! nenhum prazer é tão voluptuoso como o da esmola, quando se tem tanto, que chegue a sobrar para os outros.

Amavam-me de todos os modos. Varios paes, sem esperança aliás de gozar do meu dinheiro, empurravam para junto de mim, com as mãos tremulas, formosas filhas, thesouros de vinte annos offerecidos á gula dos meus cincoenta e tantos; eu, porém, fazia-me desentendido, sem nenhuma disposição de sahir da minha commoda viuvez, porque uma esposa moça seria um perigo, e lá para atuar mulher velha tambem não me achava muito resolvido. O melhor, pois, era ficar como estava e ir gosando tacitamente o prazer de ser desejado.

III

Todavia, dos meus parentes só uma irmã restava, a mais nova, e essa casada com um fazendeiro e preza ao destino de quatro filhos e ao estado rheumatico do marido, que a tra-

zia sempre occupada a fazer mezinhas e aquecer flanellas.

Fui vizital-a, e entristeci quando entrei no quarto de meu cunhado. Achei-os a ambos completamente transformados e velhos; não reconheceria minha irmã se a encontrasse na rua.

Pela primeira vez um sopro frio, de desconsolo, invadiu-me a alma, pungindo-a com um principio de medo da solidão.

Maldicta fosse a familia !

Mas. e se eu ficasse tambem assim, doente, atirado ao fundo de uma cama, e sem ter quem se desvellasse pelas minhas dôres ?...

Pensei então na pequena, em minha filha, a quem, sempre absorvido pela politica, vira bem poucas vezes e só de passagem. Estava já mulher e, alguns dias antes da minha partida para a provincia, um diplomata argentino pedira-m'a em casamento e eu prometti dar-lh'a quando voltasse.

Não podia, pois, contar com ella.

Taes raciocinios, assim tambem a presença de minha irmã, trouxeram-me nitidamente á memoria a lembrança da minha mocidade, antes da ida para o sul.

E um retrocesso de saudades operou-se no meu espirito, tambem pela primeira vez.

Ah! n'aquelle bom tempo eu não trazia como agora a desconfiança desembainhada contra todos os que se appróximavam de mim, procurando agradar-me! n'aquelle tempo só me buscavam os attrahidos pelos meus dotes pessoaes, porque eu só isso possuia n'este mundo. Os outros, os praticos, as pessoas sérias e graves, que nos consideram apenas pela nossa posição social, esses me evitavam, porque, ainda mesmo que lhes não pedisse nada, em nada tambem lhes poderia servir.

Mas, que me importava então semelhante julgamento, se as moças, as bellas depreocupadas com o dinheiro, preferiam-me na minha qualidade de bom par de valsas, de

rapaz bonito, e emerito cantor de modinhas ao violão e ao piano ?

E a graça é que, n'esse tempo, cheguei a amar, como nunca mais amei depois em minha vida.

Foi um romancete dos dezesete annos. Ah! como n'aquella epocha meu coração era tão puro!—Vi-a uma vez em casa da familia; chamava-se Alice. Namoramo-nos. Principiei logo a frequentar a casa; depois tivemos entrevistas no fundo do quintal, debaixo de um caramanchão de jasmims. Fiz-lhe tremulo, com as suas mãosinhas entre as minhas, a confissão do meu amor; ella abaixou os olhos, enrubecendo, e, toda confusa, toda medrosa, jurou, balbuciando como n'um sonho, que só a mim queria por toda a vida e só a mim accitaria por esposo.

E, no entanto, parti para o Rio de Janeiro, sem, ao menos, lhe dizer adeus, porque Alice n'essa occasião estava fóra da cidade. Mas, por muito tempo, nos meus so-

nhos romanescos da pobreza, quando eu supunha ainda que tinha talento ; e depois, nas amargas decepções das minhas victorias sem merito, a sua querida imagem, graciosa e casta, vinha alegrar a sombria aridez dos meus desconsolos com a brancura das suas azas de donzella, como a pomba alva, e mimosa vai ás vezes pousar na ennegrecida torre de uma velha egreja abandonada.

Amigo desmemoriado e ingrato que és tu, meu pobre coração ! só tres mezes depois da minha estada de volta á provincia — trez mezes ! te lembraste de Alice !

E achastel-a de novo, perjuro ! achastel-a, de momoria, na amargura da tua velha saudade, como no fundo de um venturoso sonho extincto ! achastel-a, a fitar-me ainda do passado, com os seus grandes olhos negros, innocentes e amorosos. Achastel-a, que meus labios ainda sentiram a doce impressão da pequenina bocca de criança que os beijou n'outro tempo ! Achastel-a, que em

minha alma respirou ainda o delicado aroma, que eu n'ella adivinhava d'antes, como se adivinha no botão de rosa o perfume que terá a flor uma vez desabrochando.

Ah! semelhantes recordações impressionaram-me bastante! Impressionaram-me tanto que, todas as vezes que me achava em sociedade, meus olhos instinctivamente procuravam no grupo das damas alguma que me dêsse idéa da formosa creatura, por quem meu coração gemeu a primeira nota de amor.

Nada! nada! Todas ellas estavam muito longe de lembrar aquella graça meiga e despretenciosa, aquella formosura tranquilla, aquella doce meiguice, humilde, quasi infantil, que minha alma de moço havia contemplado em Alice, quando eu nada mais era que um pobre diabo, sem protecção e sem futuro previsto. Em nenhum d'aquelles olhos que me cobiçavam, em nenhum d'aquelles sorrisos que me seguiam nas salas, encontrei uma

única centelha d'aquelle amor, que eu vira outr'ora nos olhos d'ella, tão natural, tão virgem e tão sincero!

Mas uma noite, no palacio do presidente, por occasião de um baile que me era offerecido, ruminava a minha incuravel saudade ao fundo de uma janella, quando notei que viéra collocar-se ao meu lado uma senhora gorda, idosa e respeitavel.

Aprimei-me logo, vergando-me galantemente, de claque em punho, e, antes de achar tempo para dizer qualquer banalidade de cortezia, reparei que ella me fitava com estranha insistencia.

Tive um sobresalto. O coração bateu-me com mais força. Entre nós dous cavou-se um profundo silencio, frio como a velhice.

Continuamos a encarar-nos.

Depois, voltando pouco a pouco do meu abalo, foi-se-me acordando a memoria de fronte d'aquelle triste e cançada phisionomia, que alli me fitava obstinadamente, como se me

espreitasse por detraz da vida, por detraz da verdade, meio occulta nas quietas e duvidosas sombras do passado.

E reunindo, como depois de um naufragio, os destroços d'aquella belleza, que já não existia senão no meu coração e na minha saudade, balbuciei com os labios tremulos e os olhos humidos :

— Alice !

Ella sorrio tristemente, e conservou-se muda.

No fim de algum tempo, suspirou, e disse-me que suppunha eu não mais a reconhecesse.

Approximámo-nos um do outro e puzemo-nos a conversar. Contou-me que já tinha netos. Enviuvara com seis filhos, soffrêra muito desde o primeiro parto.

Em seguida vieram as recordações do nosso tempo, e tudo lembrado por ella.

E, enquanto a ouvia, examinava-a da cabeça aos pés, procurando descobrir, por en-

tre aquellas pallidas ruinas, a encantadora companheira dos meus primeiros sonhos.

Que desillusão !

Oh ! por que aquella mulher não morreu antes de ser alcançada pela velhice ?

Ella, coitada ! como se percebêra o meu íntimo juízo, fez-me notar, jovialmente, que eu tambem, pelo meu lado, estava bem longe de ser o que fui.

E tornando-se de novo triste, máu grado o esforço que fazia para sorrir, lembrou-me, com um fundo suspiro lamentoso, os meus bellos cabellos de moço, quando os tinha pretos, abundantes e annelados.

E referiu-se, meneando a cabeça, desconsoladamente, á extincta alvura de meus dentes, outr'ora tão bonitos e tão provocadores de seus beijos. E fallou, com os olhos esquecidos e pregados a um ponto a que elles não viam, no meu pequeno buço dos dezeseite annos.

— Agora. disse, sem animo de fitar-

me. Agora, meu pobre amigo, o senhor es-
barrigudo, grisalho, calvo, e com um bigode
que lhe esconde todo o queixo !

E eu ri-me com estas palavras !

Ri-me durante toda a nossa conversa ;
ri-me muito !

Ah ! ah ! enquanto me ria, uma sinistra
amargura ; digo mal : um monstro negro e
pesado atirava-se de bruços sobre o meu
coração, espolinhando-se n'elle e suffocan-
do-o.

Não pude demorar-me alli nem mais um
instante. Dei-me por indisposto e retirei-me
em meio da festa, entediado e farto da vida.

Ao entrar em casa, dispensei o criado,
recolhi-me sozinho ao quarto, fechei-me por
dentro, e o meu primeiro empenho foi de cor-
rer ao espelho.

Mirei-me n'elle, longa e silenciosamente.
Encarei-me surpreso, estranhando a minha
propria imagem, como se n'aquelle momento,
e alli, no segredo da minha alcova, desse cara

a cara com um desconhecido, que vinha não sei de que mysterioso logar, para fitar-me e para antepôr-se entre o meu eu do presente e o meu eu do passado.

O que queria de mim aquella figura estranha? O que queria de mim aquella singular intruso?

D'onde vinha aquella sinistra sombra, avelhentada e feia, que me fitava com impertinencia; que me fitava de um outro mundo, que não era o meu passado, nem a minha felicidade?

E deixei-me cahir n'uma cadeira.

Meu Deus! o que era feito de mim? o que era feito do gentil amante de Alice?

Viver! Viver! Mas para que viver, se viver é envelhecer, e a velhice é peor que a morte, porque a velhice é a morte lenta, é a morte aos poucos, aos bocadinhos?

A velhice é a morte em troco miudo! A velhice é a caricatura da morte!

E levantei-me de novo e de novo fui dia-

logar com o espelho, para contemplar-me minuciosamente, saboreando a tortura de examinar o cadaver da minha mocidade!

Sim! Lá estava elle! esse cadaver ridiculo; ridiculo, porque nem ao menos inspirava o respeito e o panico que inspiram os mortos!

E, traço por traço, examinei-me todo, da cabeça aos pés.

Meu rosto, como o de Alice, tinha soffrido miseravelmente a acção destruidora do tempo. Meu craneo despojado lembrava já o de uma caveira; minhas orelhas tinham-se dilatado embambecidas; meu nariz engrossára, fizera-se vermelho, e duas fundas rugas o ablaqueavam symetricamente.

Como eu estava acabado!

Despi-me. Não pude lêr, nem escrever, nem fazer nada.

Puz-me a fumar, estirado n'um divan, scismando n'uma infinidade de tolices aborrecidas. De vez em quando observava as mi-

nhas mãos engelhadas; examinava o meu ventre desforme e sem cintura; examinava os meus pés desfeitados pelos callos e pelos joanetes.

Oh! Definitivamente este mundo era uma porcaria e não valia a pena viver; isto é: trabalhar para alimentar-se todos os dias, e para vestir-se, e para dormir, e para instruir-se, e para elevar-se no conceito dos seus semelhantes!

Mas tudo isso com que fim?. Tudo isso para que? Para viver? Não! para envelhecer; quer dizer para ir apodrecendo pouco a pouco, de instante a instante, até estalarmos a ultima fibra e rolar dentro da terra mais uma pouca de lama pestilenta e bichosa!

E senti um vago desejo de não continuar a existir, mas sem morrer; uma estranha vontade de desertar do presente para o passado; volver-me de novo o que fôra, pobre e desprotegido embora, porém com a minha

mocidade inteira, com a minha inexperiencia e o fogo das minhas illusões.

E que eu pudesse ir pelo meu passado a dentro, correndo, correndo, até aos dezesepte annos, e atravessar então o muro do quintal d'aquella Alice, que não morrêra e que já não vivia; e cahir-lhe aos pés, debaixo do cheiroso caramanchão de jasmims, e beijar-lhe os dedos brancos e rosados, e dizer-lhe, com a minha bocca de moço, mil cousas de amor, e ouvir em resposta : «Eu te amo! Eu te amo! e poder acreditar n'essas palavras, sem a mais ligeira sombra de desconfiança, como d'antes, quando ellas sahiam quentes do coração para estalarem n'um beijo contra os meus labios.

E depois, abraçado com ella, com a minha casta e formosa Alice, eternamente jovens, como os amantes que os poetas celebrisam nos seus poemas, queria fugir para um outro mundo, um mundo ideal onde não houvesse dinheiro nem honrarias, e onde se

não apodrecesse em vida, aos poucos, como aqui n'esta miseravel terra em que vegetamos.

E atirei-me soluçando sobre a cama, maldizendo a Deus e a sua perversidade contra essa cousa fraca e pequenina que se chama o homem.

E nunca mais fui feliz.

a Affonso Celso

AOS VINTE ANNOS

AOS VINTE ANNOS

Abri minha janella sobre a chacara. Um bom cheiro de resedás e lorangeiras entrou-me pelo quarto, de camaradagem com o sol, tão confundidos que parecia que era o sol que estava rescendendo d'aquelle modo. Vinham ebrios de Abril. Os canteiros riam pela bocca vermelha das rosas; as verduras cantavam, e a republica das azas papeava, saltitando, em conflicto com a republica das folhas. Borboletas doidejavam, com petalas vivas de flores animadas que se desprendessem da haste.

Tomei a minha chicara de café quente e accendi um cigarro, disposto á leitura dos

jornaes do dia. Mas, ao levantar os olhos para certo lado da visinhança, dei com os de alguem que me fitava; fiz com a cabeça um cumprimento quasi involuntario, e fui d'este bem pago, porque recebi outro com os juro de um sorriso; e, ou porque aquelle sorriso era fresco e perfumado como a manhã d'aquelle abril, ou porque aquella manhã era alegre e animadôra como o sorriso que des-
tobotoou nos labios da minha visinha, o certo foi que n'esse dia escrevi os meus melhores versos e no seguinte conversei a respeito d'estes com a pessoa que os inspirou.

Chamava-se Esther, e era bonita. Delgada sem ser magra; morena, sem ser trigueira; affavel, sem ser vulgar: uns olhos que fallavam todos os caprichosos dialectos da ternura; uma boquinha que era um beijo feito de duas petalas; uns dentes melhores que as joias mais valiosas de Golconda; cabellos mais lindos do que aquelles com que Eva escondeu o seu primeiro pudor no paraizo.

Fiquei fascinado. Esther enleou-me todo nas teias da sua formosura, penetrando-me até ao fundo da alma com os irresistiveis tentáculos dos seus dezeseis annos. Desde então conversamos todos os dias, de janella contra janella. Disse-me que era solteira, e eu jurei que seríamos um do outro. Perguntei-lhe uma vez se me amava, e ella, sorrindo, atirou-me com um bogari que n'esse momento trazia pendente dos labios.

Ai! sonhei com a minha Esther, bonita e pura, noites e noites seguidas. Idealisei toda uma existencia de felicidade ao lado d'aquella meiga creatura adoravel; até que um dia, já não podendo resistir ao desejo de vel-a mais de perto, aproveitei-me de uma casa á sua contigua, que estava para alugar, e consegui, galgando o muro do terraço, cahir-lhe aos pés, humilde e apaixonado.

— Ui! Que veio o senhor fazer aqui? perguntou-me tremula, empallidecendo.

— Dizer-te que te amo loucamente e que

não sei continuar a viver sem ti ! supplicar-te que me presentes a quem devo pedir a tua mão, e que marques um dia para o casamento, ou então que me emprestes um revolver e me deixes metter aqui mesmo duas balas nos miolos !

Ella, em vez de responder, tratou de tirar-se do meu alcance e fugio para a porta do terraço.

—Então?. Nada respondes?. inquiri no fim de alguns instantes.

—Vá-se embora, creatura!

—Não me amas?

—Não digo que não ; ao contrario, o senhor é o primeiro rapaz de quem eu gosto, mas vá-se embora, por amor de Deus!

—Quem dispõe de tua mão?

—Quem dispõe de mim é meu tutor...

—Onde está elle? Quem é? Como se chama?

—Chama-se José Bento Furtado. E' ca-

pitalista, commendador, e deve estar agora na praça do commercio.

— Preciso fallar-lhe.

— Se é para pedir-me em casamento, declare-lhe que perde o seu tempo.

— Porque?

— Meu tutor não quer que eu case antes dos vinte annos e já decidio com quem ha de ser.

— Já?! Com quem é?

— Com elle mesmo.

— Com elle? Oh! E que idade tem seu tutor?

— Cincoenta annos.

— Jesus! E a senhora consente?

— Que remedio! Sou orphã, sabe? de pae e mãe. Teria ficado ao desamparo desde pequenina se não fosse aquelle santo homem.

— E' seu parente?

— Não, é meu bemfeitor.

— E a senhora ama-o?

— Como filha sou louca por elle.

— Mas esse amor, longe de satisfazer a um noivo, é pelo contrario um serio obstaculo para o casamento. A senhora vae fazer a sua desgraça e a do pobre homem!

— Ora! o outro amor virá depois.

—• Duvido!

— Virá á força de dedicação por parte delle e de reconhecimento por minha parte.

— Acho tudo isso immoral e ridiculo, permitta que lh'o diga!

— Não estamos de accordo.

— E se eu me entender com elle? se lhe pedir que m'a dê, supplicar, de joelhos, se preciso fôr?. Póde ser que o homem, bom, como a senhora diz que é, se compadeça de mim, ou de nós, e. .

— E' inutil! Elle só tem uma preocupação na vida: ser meu marido!

— Fugamos então!

— Deus me livre! Estou certa de que com isso causaria a morte do meu bemfeitor!

— Devo, nesse caso, perder todas as esperanças de. ?

— Não! Deve esperar com paciência. Pode bem ser que elle mude ainda de idéa, ou, quem sabe? pode ser que morra antes de realisar o seu projecto.

— E acha a senhora que eu esperarei, sabe Deus por quanto tempo! sem succumbir á violencia da minha paixão?.

— O verdadeiro amor a tudo resiste, quanto mais ao tempo! Tenha fé e constancia é só o que lhe digo. E adeus.

— Pois adeus!

— Não vale zangar-se. Trephe de novo ao muro e retire-se. Vou buscar-lhe uma cadeira.

— Obrigado. Não é preciso. Faço todo o gosto em cahir, se me escorregar a mão! Quem me dera até que morresse da queda, aqui mesmo!

— Deixe-se de tolices! Vá!

— Dê-me ao menos um beijo, para a viagem!

— Nem meio!

— Nada?

— Nada. Vá!

Sahi; sahi ridiculamente, trepando-me pelo muro, como um macaco, e levando o desalento no coração. — Ah! maldito tutor dos djabos! Velho gaiteiro e libertino! Ignobil maluco, que acabava de transformar em fel todo o encanto e toda a poesia da minha existencia! — A vontade que eu sentia era de matal-o; era de vingar-me ferozmente da terrível agonia que aquelle monstro me ferrára no coração!

— Mas não as perdes, miseravel! Deixa estar! promettia eu com os meus botões.

Não pude comer, nem dormir, durante muitos dias. Entretanto, a minha adoravel visinha fallava-me sempre, sorria-me, atirava-me flôres, recitava os meus versos e conversava-me sobre o nosso amor. Eu estava cada vez mais apaixonado.

Resolvi destruir o obstaculo da minha

felicidade. Resolvi dar cabo do tutor de Esther.

Já o conhecia de vista : muita vez encontramos-nos á volta do espectáculo, em caminho de casa. Ora a rua em que habitava o miseravel era excusa e sombria. Não havia que hesitar : comprei um revolver de seis tiros e as competentes balas.

— E ha de ser amanhã mesmo ! jurei commigo.

E deliberei passar o resto d'esse dia a familiarisar-me com a arma no fundo da chacara ; mas logo ás primeiras detonações, os vizinhos protestaram ; interveio a policia, e eu tive de resignar-me a tomar um bonde da Tijuca e ir continuar o meu sinistro exercicio no hotel Jordão.

Ficou pois transferido o terrivel designio para mais tarde. Eram alguns dias de vida que eu concedia ao desgraçado.

No fim de uma semana estava apto a disparar sem receio de perder a pontaria. Voltei

para o meu commodo de rapaz solteiro; accendi um charuto; estirei-me no canapé e dispuz-me a esperar pela hora.

— Mas, pensei já á noite, quem sabe se Esther não exagerou a coisa?. Ella é um pouquinho imaginosa. Póde ser que, se eu fallasse ao tutor de certo modo. hein? Sim! é bem possivel que o homem se convencesse e. Em todo o caso, que diabo nada perderia eu em tentar! Seria até muito digno de minha parte.

— Está dito! resolvi, enterrando a cabeça entre os travesseiros. Amanhã procuro-o; faço-lhe o pedido com todas as formalidades; se o estúpido negar — insisto, fallo, discuto; e, se elle, ainda assim, não ceder, então bem — zás! morreu! Acabou-se!

No dia immediato, de casaca e gravata branca, entrava eu na sala de visitas do meu homem.

Era domingo, e apezar de uma hora da tarde, ouvi barulho de louça lá dentro.

Mandei o meu cartão. Meia hora depois appareceu-me o velhote, de rodaque branco, chinellas, sem collete, palitando os dentes.

A gravidade do meu traço desconcertou-o um tanto. Pediu-me desculpa por me receber tão á frescata, offereceu-me uma cadeira e perguntou-me ao que devia a honra d'aquella visita.

Que, lhe parecia, tratava-se de coisa seria.

— Do que ha de mais sério, senhor commendador Furtado! Trata-se da minha felicidade! do meu futuro! Trata-se da minha propria vida!

— Tenha a bondade de pôr os pontos nos i i.

— Venho pedir-lhe a mão de sua filha.

— Filha?

— Quer dizer: sua pupilla.

— Pupilla!

— Sim, sua adoravel pupilla, a quem amo, a quem idolatro e por quem sou cor-

respondido com igual ardor! Se ella não o declarou ainda a V S.^a é porque receia com isso contrarial-o; creia, porém, senhor commendador, que.

— Mas, perdão, eu não tenho pupilla nenhuma!

— Como? E D. Esther?

— Esther!?

— Sim! a encantadora, a minha divina Esther! Ah! Eil-a! E' essa que ahi chega! exclamei, vendo que a minha estremecida visinha surgia na saleta contigua.

— Esta?! balbuciou o commendador, quando ella entrou na sala, mas esta é minha mulher!

—?!.

a Pardal Mallet

DAS NOTAS DE UMA VIUVA

DAS NOTAS DE UMA VIUVA.

«Eu tinha dez mezes de viuva e havia seis que Paulo me fazia a côrte.

Por esse tempo propoz-me elle um passeio ao campo e eu aceitei.

A manhã era esplendida ; uma bella manhã de setembro, cheia de luz e temperada por um calor communicativo e doce. A's quatro horas mettemo-nos num carrinho de vime, leve como uma cesta, rasteiro como um divan, e commodo como um leito. Paulo deu redeas ao animal e o carro conduzio-nos para fóra da cidade.

Eu sentia um bom humor extraordinario. O ar puro e consolador daquella madrugada, pulverisado no espaço em vapores côr de rosa, enchia-me toda como de uma grande alma nova, feita de coisas alegres e bemfazejas. Tive vontade de rir e de cantar.

O sol principiava a destacar o contorno irregular das arvores e derramava sobre as montanhas uma luz sanguinea e transparente. Achei-me expansiva, travessa, com repentes de criança; e, não sei porque, Paulo, nessa ocasião se me affigurou muito melhor do que nas outras. Cheguei a descobrir-lhe espirito e a desfazer-me em risadas com algumas pilherias suas que, fóra d'alli, me fariam bocejar.

Em certa altura, parámos. Elle ajudou-me a descer, prendeu o cavallo, abriu a minha sombrinha, e começamos os dous a andar de braço dado por debaixo das arvores.

Que delicioso passeio! Ninguem póde calcular quanto eu me sentia feliz. Mais alguns

passos e tínhamos chegado a um caramanchão, ou melhor, alpendre de verdura, mysterioso, morno, impregnado de perfumes resinosos e embebido de azul sombrio. Ao lado, uma cascata corria em sussurros; e as suas aguas esfarelavam-se nas pedras, irradiando na fulguração do sol.

Paulo deixou-me por um instante, para ir buscar o carro. E, n'esse momento de inteira liberdade, quando senti que não era observada por ninguém, levantei-me, bati palmas e puz-me a dançar como uma doida; depois galguei aos saltos o lado da cascata e recebi no rosto o pó humido das aguas, d'onde o sol tirava cambiantes multicores e doirados. Abaixei-me, colhi agua na concha das mãos e bebi. Afinal, assentei-me no chão e abri a cantar uma coisa alegre, que aprendera ainda no tempo do collegio.

Paulo voltou com o carro e recolheu ao pavilhão o cesto do almoço. Estendeu a toalha sobre uma mesinha de pedra que havia;

pousou uma machina de café, duas garrafas de bordeaux, uma de champagne, uma botija de curaçáo, uma empada, um assado, queijo, fructas e pão.

Eu sentia appetite e confesso que estava encantada com tudo aquillo. Era a primeira vez que me animava a fazer uma folia d'esse genero — um almoço ao ar livre, ao lado de um rapaz.

E Paulo não me parecia o mesmo homem: descobria-lhe maneiras e qualidades, para as quaes jámais attentára em quanto o vira sómente nas frias attitudes circumspectas da vida; notava-lhe agora a distincta estroinice dos pandegos de bôa familia, creados e amimados entre senhoras finas e orgulhosas; um certo pouco caso fidalgo e elegante pelas virtudes communs e pelos vicios vulgares; um ar altivo e masculino de quem está habituado a gastar forte com os seus prazeres; uma linha moderna, libertina e gentil a um tempo, feita de extravagancias de bom gosto, e um

pouco de viagens, alguns conhecimentos de musica, um nada de politica, anedotas francezas, algum dinheiro, charutos caros, um monoculo, o uso de varias linguas, duas gottas de mel inglez no lenço, um fato bem feito de casinira cambraia, um chapéu de palha, luvas amarellas, polainas, e uma bengala.

E o grande caso é que estava um rapagão, cheio de gestos largos, de atiramentos de perna e de grandes exclamações em inglez.¹

Assentei-me no banco que circulava a meza e elle fez o mesmo defronte de mim. Informou-se se eu estava satisfeita com o passeio; fallou em repetil-o. Era preciso aproveitar o verão. Mas, nos domingos — nada! Havia muita gente!

E abria garrafas, dava lume á machina de café, servia-me de mariscos e fallava-me do seu amor. Eu contei-lhe francamente as impressões que recebera aquella manhã e mostrei-me contente.

— Se soubesse, minha amiga, disse-me

elle, quanto me sinto bem a seu lado!.
Nem mesmo me reconheço, creia! Fico tolo só a pensar em nossa futura felicidade, em nossa casa e em nossos.

Ia fallar nos filhos, mas deteve-se e ficou a olhar-me em silencio, com os olhos afogados n'uma grande insistencia humilde. Parecia haver um pranto escondido por detraz das suas pupillas verdes.

— Descance, falta pouco! respondi, possuida de alguma coisa que não sei bem se era compaixão.

— Falta um seculo!. emendou elle com um suspiro.

E chegou-se mais para mim. Tinha o ar tão respeitoso que não fugi.

— Porque não fica mais á vontade? aconselhou-me, ajudando-me, muito solícito, a tirar o chapéu e desfazer-me do chale.

Houve um silencio. Elle queixou-se da falta de gelo, abriu uma nova garrafa de bordeaux e encheu as taças. Depois, leu-me uns

versos, que fizera a mim no meu tempo de solteira. Vieram recordações. — O nosso namoro! Quanta creancice!

— E o bofetão?

Esta lembrança trouxe-me uma risada que me fez engasgar. Sobreveio-me tosse; fiquei um pouco suffocada.

Elle levantou-se logo, começou a bater-me delicadamente nas costas. E, a pretexto de auxiliar-me, affagava-me os cabellos e a fronte.

— Não é nada! não é nada! dizia. Um gole de champagne!

— Não! antes agua.

Elle correu á cascata e voltou com um cópo d'agua.

Tornamos á palestra, e eu não reparei logo que o rapaz d'esta vez ficára inteiramente encostado a mim. Passamos á sobremesa. As pilherias repetiam-se mais a miudo. Paulo poz-se a fumar.

Eu consenti e disse até que gostava do

cheiro do fumo. Elle fez saltar a rolha do champagne. Sentia-me enlanguescer; os olhos ardiam-me um tanto e todo o corpo me pedia repouso. Insensivelmente fui perdendo alguma coisa da minha cerimonia e pondo-me á vontade; estiquei mais as pernas, recostei-me nas costas do banco e debrucei para traz a cabeça.

Elle ficou a olhar-me muito, com um ar serio e infeliz. Tive vontade de dizer qualquer coisa e nada mais consegui do que sorrir. Estava fatigada.

Paulo aconselhou-me que fumasse um cigarrinho e esta idéa extravagante não me pareceu má. Fumei o meu primeiro cigarro.

Em seguida senti um vago desejo de dormir. Elle servio o café e o licôr. Fez-me tomar antes um pouco de champagne misturado com Bordeaux.

E continuamos a conversar. As recordações de antes do meu casamento vinham a todo o instante.

— Isto sempre teve genio!. segredava elle, ameaçando-me o queixo.

Chamava-me creaturinha má, sem coração; ameaçava-me com vingançazinhas, que se realisariam quando fossemos casados. Tinha ditos maliciosos, palavras de sentido dubio e olhares cheios de paixão.

Eu estendia-me cada vez mais no banco, amollecida por um entorpecimento agradável; as palpebras fechavam-se-me. Fazia-se-me vontade de ser menos severa para com aquelle pobre companheiro de infancia; tanto que não me sobresaltei quando senti a sua mão empolgar-me a cintura.

— Como eu te amo! murmurou elle, com a bocca muito perto de meu rosto.

O seu halito abrazava-me as faces.

— Não faça assim: pedi, repellindo-o frouxamente.

Mas elle passou-me a outra mão na cinta e puxou-me para si.

Fiz ainda alguma resistencia; sentia-me

porém tão molle, e além d'isso sabia-me tanto ser abraçada por alguém n'aquella ocasião, que me deixei levar e cahi sobre elle, com a cabeça desfallecida no seu hombro.

Paulo segurou-me o rosto e estonteou-me de beijos.

Em ardentes, vivos, repetidos, como os tiros de uma metralhadora.»

a Martinho Garcez

UMA LICÇÃO

UMA LICÇÃO

Era uma saleta ao lado de uma sala de jantar; ao fundo um reposteiro corrido com ares burocraticos; ao centro uma banquinha de charão, conspurcada de cinza de charuto e nicotina diluida em saliva. E' noite e a luz que vem de cima, transbordando de um globo de gaz, illumina o grupo de tres velhotes, mais ou menos barrigudos, que conversam em voz baixa e com voluptuoso interesse.

Um d'elles acabou de contar alguma coisa que ainda faz rir aos outros dois. E, tal é o riso, que os tres amigos, segurando cada qual

a competente barriga com ambas as mãos, deixam-se cahir para as costas do sofá e arfam ao som uniforme da mesma gargalhada.

— Ora o Silveira! Ora o nosso Silveira!. dizia um, aproveitando as curtas intermittencias da hilaridade. Não sabia, desembargador, que você em rapaz fôra tão levado! Ora o demo!

O desembargador, limpando as lagrimas do riso, ia talvez contar mais alguma das suas, quando o terceiro velhote segredou ao grupo:

— Homem, deixe lá fallar! todos nós pagamos o nosso dizimo ao diabo! Aqui onde me vêem, pai de dois filhos homens, avô por ahi naturalmente, e em vesperas de conselheiro de Estado; eu, acreditem, tambem tive as minhas rapaziadas.

Estas palavras acalmaram, como por feitiço, o riso dos outros dois, que se voltaram logo para quem as pronunciou, já dispostos a saborear a nova anedota.

«Uma ocasião — isto vai ha coisa de uns trinta annos — principiou o quasi conselheiro; uma ocasião, recolhia-me para o meu quarto de estudante, um pouco apressado pelo máu tempo, quando dou com uma rapariga muito bem parecida, que vinha em sentido contrario e sem guarda-chuva.

Instinctivamente parei defronte d'ella. O demonio da pequena tinha uns olhos! Parei e logo em seguida retrocedi, acompanhando-lhe o passo.

— A senhora está-se molhando por gosto?. perguntei eu.

Ella não deu resposta.

No fim de tres minutos accrescentei :

— Por que não acceita o meu chapéo?.

Não posso vêr uma dama apanhar chuva d'este modo!.

— Obrigada, volveu ella, sem me voltar o rosto.

E apressou o passo.

— Ingrata!

E apressei o passo tambem.

— Mão! exclamou a perseguida, estacando em frente de mim e desferindo-me um olhar, tão sobranceiro, imponente e tão digno, que eu abaixei as palpebrás e pedi-lhe perdão com um gaguejo.

— Não tive intenção de a magoar. disse; V Ex.^a apanhava chuva e entendi que era do meu dever offerecer-lhe uma parte do meu chapéo.

— E se eu fosse para muito longe?

— A verdadeira cortezia não olha distancias!

Ella, ao que parece, comprehendeu a sinceridade das minhas palavras, porque interrogou logo, desfranzindo o rosto:

— Foi então por méra delicadeza que. .?.

— Juro-lhe que sim, minha senhora. Uma vez, porém, que V Ex.^a se julga offendida, peço-lhe mil perdões e sigo de novo o meu caminho.

Nisto, uma formidavel rajada de vento

passou por entre nós, e a chuva recrudescceu tempestuosamente.

— E, para provar que não minto, accrescentei, entregando-lhe o chapéo ; tenha a bondade de leval-o, e depois m'ó restituirá.

— E o senhor ?.

— Ah ! Eu moro muito perto, n'aquelle sobrado de alugar commodos. V Ex.^a fará o obsequio de remettel-o para o n.º 5. Aqui o tem.

Ella consultou o tempo, mediu-me de alto a baixo, e depois, tomando uma resolução, disse :

— Não ! dê-me o seu braço e acompanhe-me ao canto da rua. Talvez appareça um carro.

Mal, porém, avançamos alguns passos, por tal fórma recresceu a chuva, que era quasi impossivel proseguir.

— E esta ? . resmungou ella, muito contrariada. Esta só a mim succede ! A maldita chuva augmenta, e nada de apparecer um carro !

Ao chegarmos á esquina, tivemos de parar defronte da grande enxurrada que cortava a rua. Não era possível ir mais adiante. De carro, nem signal ! As casas fechavam-se todas, se bem que não passasse de nove horas da noite ; os relampagos repetiam-se n'um broxolear electrico, os trovões abalavam os predios e faziam tremer os vidros gottejantes dos lampeões. Já ninguem se animava a afrontar o tempo ; os proprios cães escondiam-se pelos batentes das portas trancadas.

E o meu bello par, muito impaciente ; moradia os beiços e marcava compassos, espapachando a lama debaixo dos pés, sem dar palavra.

Eu tambem não dava.

Entretanto, não podiamos ficar alli : a peste da chuva crescia. crescia.

Em breve teriamos agua até ao meio da canella. De vez em quando passava um carro, mas ao longe, com as rodas a levantar agua, como as de um vapor.

— E agora?. perguntou-me a desconhecida, com raiva.

Eu sacudi os hombros.

Decorreu mais um instante.

— Se V Ex.^a quizesse.

— Que?

— E' verdade que não tenho mais do que um pobre quarto de estudante, todavia.

— Entrar n'uma republica?. Ora!

— Perdão! Não é uma republica, minha senhora. Moro n'aquelle sobrado; casa muito séria, occupo um quarto da frente, e.

— Que não pensariam seus companheiros!

— Moro só. V Ex.^a não seria vista, nem desacatada por ninguem.

— Ainda assim seria esturdio!

— Em todo o caso, sempre me parece mais rasoavel do que ficar aqui, com este tempo!. A chuva não durará toda a noite. eu poderia arranjar um carro, e.

— Diga-me uma cousa: O senhor dá-me

a sua palavra de honra em como será cavalheiro ?

— Oh ! minha senhora !.

— Jura que se portará dignamente comigo ? . Jura que não me faltará ao respeito ? .

Deu-lhe minha palavra de honra !

— Bem. Pois acceito o seu convite. Estou certa de que o senhor não quererá desmerecer da confiança que me inspirou ! E vamos, vamos que já me sinto resfriar até aos ossos !

Dei-lhe de novo o braço e voltamos ambos por onde tínhamos andado.

Na ocasião em que eu accendia a véla que costumava ficar atrás da porta da rua, a senhora ainda insistiu, cravando-me um olhar muito sério :

— O senhor promete então que !.

— Pode entrar descansada, minha senhora !

E as nossas duas sombras estenderam-se

juntas pelo fundo esvasamento de corredor.

Chegados ao primeiro andar, abri meu quarto, dei luz ao gaz, offereci uma cadeira á bella hospede e fui buscar a um canto uma garrafa.

— Acho que V Ex.^a fará bem em tomar uma gotta de cognac. propuz, enchendo dois calices. Está frio e talvez V Ex. sinta os pés molhados.

— Não, os pés estão enxutos ; trago galochas. Mas acceito.

Bebido o cognac, a senhora começou a correr com os olhos uma silenciosa revista no aposento. Em seguida ergueu-se e foi, um pouco apavorisada, contemplar de perto o meu esqueleto de estudo, que jazia pendurado ao fundo do quarto ; depois encaminhou-se para a minha pequena mesa de trabalho, abriu os compendios que ahi estavam, fez uma careta de indignação á vista das gravuras de um tratado de physiologia, que lhe cahi

unhas ; e ficou muito espantada encontrando sobre o criado-mudo um reвольver e um carregamento de balas inglezas.

— Isto então é o que se chama uma republica?. perguntou afinal, abrangendo com um gesto o que seus olhos lobrigavam. •

E depois da minha resposta :

— Mora inteiramente só ?.

— Inteiramente.

— E tem familia ?

— Em Minas.

— Ah ! E' da provincia. Está ha muito tempo na côrte ?

— Ha cinco mezes.

— Apenas ?.

E approximou-se de mim.

— E' exacto, disse eu. Ainda não conheço bem isto por aqui.

— Tem gostado ?

— Nada posso dizer por enquanto. Minha vida tem sido tão pouco divertida.

Saio de casa para as aulas, das aulas para o restaurante e do restaurante para casa. Ainda não tenho amigos.

— Deve então sentir muita saudade da familia.

— Pudéra! Vivi sempre em companhia della, e agora, de um momento para^o outro, ficar assim tão só. tão.

— Porque não mora com outros estudantes?

— Ainda não descobri um bom companheiro. Além disso, sou mesmo um pouco exquisito de genio. Prefiro estar só.

— Ah! Mas ha-de ter a^lgumas relações.

— Muito poucas, e essas poucas em consideração a meu pai.

— E porque não frequenta os theatros?

— Vou de vez em quando. Não posso perder noites seguidas : quero ver se faço dois annos em um só.

— Ah! é estudioso!

— Não sou dos mais vadios.

— Bom será que continue assim. Esta cidade é muito perigosa para os rapazes.

— Ora! não é tanto como se diz. Eu, pelo menos, confesso que suppunha outra coisa!. Sempre imaginei gozar no Rio de Janeiro uma vida mais divertida.

— Em que sentido?

— Em todos. A respeito de amores, por exemplo, sou de um caiporismo!.

— Creio que levantou o tempo!. observou a senhora, afastando-se de mim escrupulosamente e lançando o olhar para a janella.

Eu suppliquei perdão com um gesto de ternura e humildade.

— Tenha a bondade de ver se levantou o tempo! exigiu ella batendo com o pé.

— Chove a cantaros! Ah! mas pôde ficar tranquilla, que eu sei respeitar a quem o merece.

Ella deixou-se cahir n'uma cadeira, soltando um suspiro de resignação.

— V Ex.^a toma uma chicara de café?.

perguntei, indo buscar a machina e a garrafa de espirito de vinho.

— Não se incommode por minha causa.

— Costumo fazer café todas as noites.

— Nesse caso.

— Tenho tambem requeijão e doce. Se

V Ex.^a quizesse. O que nos falta aqui é pão!

Ella sorriu á simplicidade destas palavras.

— E estou quasi acceitando. respondeu já de bom humor, e vindo assentar-se perto da mesa, depois de tirar o chapéu e o mantetele.

— Bem. Vou num instante arranjar o que falta!

— Com este tempo? Não! não consinto!

— E' um momento! Não me molho! Ha uma confeitaria na esquina! Ora! quantas vezes não tenho feito o mesmo com tempo ainda peor!

Ella tornou a sorrir.

— Quer ver? perguntei, lançando sobre a cabeça uma grande capa de borracha, sacando as botinas e as meias e enrodilhando as calças nos joelhos. De um pulo estou lá e de outro cá!

Ella soltou uma risada.

Voltei dahi a meia hora, não com os pães simplesmente, mas tambem com uma empanada de camarões, uma gallinha assada, alguns pasteis de Santa Clara, duas garrafas de Borgonha e outra de moscatel de Setubal.

— Que é isto, nossa senhora?! . exclamou a moça, largando o livro, que ficára a ler durante a minha ausencia.

— Pareceu-me melhor ceirmos juntos. Eu estou com tanto appetite!

— Que extravagancia!. Por isso é que vocês estudantes andam sempre atrapalhados no fim do mez! Se esbanjam a mesada logo nos primeiros dias!

— Mas eu faço n'isto tanto gosto. Espero que V. Ex. acceitará um aza desta gal-

linha, que me parece deliciosa. Vamos! arranja-se a mesa aqui mesmo.

— E eu posso ajudal-o, declarou a senhora, affastando os meus livros e os meus papeis para um canto do quarto.

— Tenha a bondade de não segurar o tinteiro desse modo. Está quebrado.

— Estes estudantes! Ainda chove muito lá fóra?

— Chih! horrorosamente! Um diluvio!

— E eu aqui!.

— Não terá motivos para arrepender-se, verá! Bom! agora, faz favor? dê-me aquelles embrulhos que eu trouxe.

— Prompto!

— Obrigado.

— Tres garrafas!. Para que tanto vinho?

— Fica ahi, se sobrar.

— Vocês!

— Muito bem! O diabo é que só temos um talher. Ah! posso arranjar-me com

esta espatula e este canivete. Felizmente ha dous pratos e não faltam copos. Principie-mos!

— Isto contado não se acredita !

— Não sei onde esteja o mal!. Creio que não praticamos até agora nenhuma acção feia.

— Não digo que haja mal, nem que praticassemos acções feias, mas parece-me extraordinario, imprevisto pelo menos, achar-me neste momento ceando ao lado de um rapaz, que eu ha duas horas não conhecia.

— Rapaz que procura merecer essa honra, esforçando-se para cumprir com os seus deveres de cavalheiro.

— O senhor como se chama?

— João Carlos do Souto. E a senhora?

— Não lhe posso dizer. Compreenderá que.

— Está claro, e não insisto.

— Espero mesmo que se algum dia nos encontrarmos n'outro lugar, o senhor guar-

dará toda a discrição sobre estas casualidades de hoje.

— Oh ! certamente, minha senhora !

— Sim, porque afinal de contas não me pesa na consciencia o que succedeu. Se não fosse esta maldita chuva !.

— Diga antes : esta chuva abençoada.

— Máo ! Não vá por esse caminho, que vai mal ! nada de galanteios !.

— Já aqui não está quem fallou !

E calamo-nos os dois por um instante, a mastigar em silencio, emquanto lá fóra o vento esfuziava contra as janellas.

— V Ex.^a bebe tão pouco. não gosta de Borgonha ?

— Gosto, e este me parece bem bom, mas não convém abusar. O senhor já tomou quasi uma garrafa !. Cuidado !

— Ora, este vinho é innocente !

— Fie-se nisso !

— Quer mais um pouco ?

— Vá lá !

— Além de que a chuva não parece disposta a parar tão cedo. Ainda sente muito frio?

— Já vai passando.

— Está aborrecida?

— Não. E a graça é que me chegou o apetite. Quer saber? vou repetir a empada!

— E' tão bom comer em companhia, não é verdade? E agora, são bem poucas as vezes em que eu não como sozinho!... Isto para quem estava acostumado com família!. Por meu gosto, casava-me.

— Já tem noiva?

— Qual!

— Podia ter deixado alguma na provincia.

— Ninguém me quer.

— E' porque ainda é cedo ; quando chegar a occasião.

— Estarei velho.

— Velho? tem graça! que idade é a sua?

— V Ex. não accredita. Dezoito annos.

— Só ?

— Mostro ter mais, não é ?

— Parece ter vinte e tantos. Mas está criança; eu sim é que me posso chamar velha.

— Tem vinte aposto !

— Accrescente mais cinco.

— Vinte e cinco. Ninguei dirá !

— E então que idade represento ?

— Ah! dezoito, quando muito.

— Lisongeiro.

— Afianço-lhe que não sou.

E, com o pretexto de servir-lhe o doce, fui approximando a minha cadeira da sua.

— Que ? . Pois o senhor ainda vai abrir essa terceira garrafa ?.

— Não nos havemos de servir de Borgonha para o doce.

— Não lhe faça mal !

— Qual ! Sou de cabeça muito forte !

— Então, á sua saude !

— Obrigado. Toque !

— Sim ; mas não precisa chegar-se tanto !.

— Eu não me estou chegando .

— Deixe-se d'isso ! Lembre-se do que me prometteu !.

— Tem razão . Desculpe , e bebamos á saude do feliz mortal que possui o seu coração .

— Não sei quem seja , mas acompanho .
•Passe-me aquelle queijo .

Em vez do queijo , o que lhe passei foi o braço em volta dos quadris , chamando-lhe a cabeça para junto dos meus labios .

— Mão , mão , mão ! exclamou ella , defendendo-se . O senhor parece que bebeu de mais ! Já não estou achando muita graça !

— Não são os vinhos que me embriagam . A senhora bem o vê .

— Não quero vêr coisa alguma .

— Então , bem o sente .

— Não sinto nada !

— Adivinhe então , minha senhora , adi-

vinhe o que não tenho animo de dizer, meu anjo!

— Ora bolas! Isso já passa de desafôro! solte-me! solte-me! Se eu desconfiasse d'isto, não tinha entrado!

— Que queres? A gente nem sempre se governa em certas occasiões! E' tão bella! tão bella! e eu te amo! Sim! eu já te amo, minha flôr!

E, como acompanhasse estas palavras com uma gesticulação em extremo correlativa, ella ergueu-se de improviso e fez mensão de sahir.

Alcançei-a já na porta do quarto e cahi aos seus pés, envolvendo-a nos braços.

— Perdôa, perdôa, minha santa! exclamára, a cobrir-lhe de beijos as duas mãosinhas, que n'essa occasião me pareciam mais bonitas, sem luvas.

— Perdôa! sou um bruto, sou um grosseiro, mas.

— Quero sahir! Já! Não fico aqui nem mais um instante! Deixe-me! Deixe-me!

— Pois sim, mas has de sahir depois de haver perdoado! Juro que estou arrependido do que fiz!

— Não sei! Deixe-me!

— Oh! Ainda chove tanto! Espere ao menos que chegue o carro que mandei buscar pelo caixeiro da confeitaria.

— Um carro?.

— Sim, e não deve tardar. E' mais um segundo! um segundo apenas!

— Mas se o senhor está com tolices!.

— Prometto não fazer nada!

— Jura!

— Juro.

— Ora, vamos a vêr!

Acabamos de tomar café, quando a carruagem parou á porta.

— Eil-a ahi! disse a tyranna pondo-se de pé.

— Ainda chove. observei eu timidamente.

— Não faz mal!.

— Ao menos não se vá, fazendo de mim um juízo desfavorável, creia que.

— Não. Adeus. Não vou fazendo juízo algum! Adeus, obrigada!

— Jura que não está resentida?..

— Póde ficar descançado. Adeus.

— Acredite que.

— Adeus!

— Não. Diga primeiro se ainda está contrariada! Com franqueza!

— Com franqueza — estou!

— Não me perdôa?.

— Não. Boa noite!

Acompanhei-a ao corredor e, já na porta da rua, ainda lhe pedi perdão.

Dois dias depois, entrando n'um hotel, habitado só por mulheres, fugiu-me da garganta um grito de pasmo:

— Que vejo?!. Pois é a senhora?! A senhora aqui?!

Ella soltou uma gargalhada e apontou-me com o dedo a tres companheiras que lá se achavam.

— E' o tal!

— Ora esta!. resmunguei. Para que então me illudiu d'aquelle modo?...

— Illudi! O' filho, eu estava no meu papel, fazendo o que fiz; tu é que não estavas no teu acreditando! Quem te mandou ser tolo?.

— E' boa! disse um dos velhotes. E' muito boa!

E as tres barrigas tornaram-se a agitar nas convulsões do riso.

ao Dr. Francisco Portella

MUSCULOS E NERVOS

MUSCULOS E NERVOS

Terminava a primeira parte do espectáculo, quando D. Olympia entrou no circo, pelo braço do pae.

Havia grande enchente. O publico vibrava ainda sob a impressão do ultimo trabalho exhibido, que devia ter sido maravilhoso, porque o enthusiasmo explodia por toda a plateia e de todos os lados gritavam ferozmente: «Scott! A' scena Scott!» Dous sujeitos de libré azul com alamares doirados conduziam para o interior do theatro um cavallo que acabava de servir. Muitos especta-

res, de chapéu no alto da cabeça, estavam de pé e batiam com a bengala nas costas das cadeiras; as cocotes pareciam loucas e soltavam guinchos, que ninguem entendia; das galerias trovejava um barulho infernal, e, por entre aquella descarga atroadora, só o nome do idolatrado acrobata sobresahia, exclamado com delirio por mil vozes.

— Scott! Scott!

Olympia sentio-se aturdida; o pae, no intimo, arrependia-se de lhe ter feito a vontade, consentindo em leval-a ao circo, mas o medico recommendara tanto que não a contrariassem. e ella havia mostrado tanto empenho no capricho de ir aquella noite ao Polytheama.

De repente, um grito unisono partio da multidão. Estalaram as palmas com mais impeto; choveram chapéos; arremecaram-se leques e ramalhetes, Scott havia reaparecido.

— Bravo! Bravo, Scott!

E os applausos recrudesceram ainda.

O gymnasta, que entrara de carreira, parou em meio da arena, aprumou o corpo, sacudiu a cabelleira anelada, e, voltando-se para a direita e para a esquerda, atirava beijos, sorrindo, no meio d'aquella tempestade gloriosa.

Depois de agradecer, estalou graciosamente os dedos e retirou-se de costas, a dar cambalhotas no ar.

Desencadeou-se de novo a furia dos seus admiradores, e elle teve de voltar á scena inda uma vez, mais outra, e outra, cada vez mais triumphante.

Olympia, entretanto, com a cabeça pendida para a frente, o olhar fito, os labios entre-abertos, dir-se-hia hypnotisada, tal era a sua immobilitade. O pae tentou chamal-a á conversa ; ella respondeu por monosyllabos.

— Queres. vamos embora.

— Não.

Na segunda parte do espectáculo, a moça

parecia divertir-se. Não despregava a vista de Scott, a quem cabia a melhor parte dos trabalhos da noite.

O mais famoso era a sorte dos vôos. Consistia em dependurar-se elle de um trapezio muito alto, deixar-se arrebatado pelo espaço e, em meio do trajecto, soltar as mãos, dar uma cambalhota e ir agarrar-se a um outro trapezio que o esperava do lado opposto.

Cada um d'estes saltos levantava sempre uma explosão de bravos.

Scott havia feito já, por duas vezes, o seu vôo arriscado; faltava-lhe o ultimo e o mais perigoso. Diferenciava este dos primeiros em que o acrobata, em vez de lançar-se de frente, tinha de ir de costas e voltar-se no ar, para alcançar o trapezio fronteiro.

O publico palpitava ancioso, até que Scott afinal assomou no alto trampolim armado nas torrinhas, junto ao tecto.

Cavou-se logo um fundo silencio nos espectadores. Os corações batiam com sobre-

salto; todos os olhos estavam cravados na esbelta figura do artista, que, lá muito em cima, nas suas roupas justas de meia, afigurava a estatua branca de uma divindade olympica. Destacava-se-lhe bem o largo peito, herculeo, guardado pelos grossos braços nús, em contraste com os rins estreitos, mais estreitos que as suas nervosas coxas, cujos musculos de aço se encapellavam ao menor movimento do corpo.

Com uma das mãos elle segurava o trapezio, enquanto com a outra limpava o suor da testa. Depois, tranquillamente, sem o menor abalo, prendeu o lenço na sua cinta bordada de lentejoilas, voltou-se, esfregou os pés nas palmas das mãos e agarrou com ambas o braço do trapezio.

Ouvia-se a respiração offegante do publico.

Scott sacudio o trapezio, experimentando-o, puxou-o contra o collo e deixou-se emfim arrebatado por elle, de costas.

Em meio do circo desprendeu-se, gritou: «Hop!» deu uma volta no ar e lançou-se de braços estendidos para o outro trapezio.

Mas, o vôo fôra mal calculado, e o acrobata não encontrou onde agarrar-se.

Um terrivel bramido, como de cem tigres a que rasgassem a um só tempo o coração, echoou por todo o theatro. Vio-se a bella figura de Scott um instante solta no espaço, virar para baixo a cabeça e cahir na arena, estatelada, com as pernas abertas.

O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes mulheres desmaiaram, em gritos; algumas pessoas fugiam espavoridas, como se houvesse um incendio; outras jaziam pallidas, a bocca aberta e a voz gelada na garganta. Ninguem mais se entendia; nas torrinhas passavam uns por cima dos outros, n'uma avidéz aterrada, disputando ver se conseguiam distinguir o acrobata.

Este, todavia, sem accordo e quasi sem vida, agonisava por terra, a vomitar sangue.

Olympia, livida, tremula, estonteada, quando deu por si, achou-se, sem saber como, ao lado do moribundo. Ajoelhou-se no chão, tomou-lhe a cabeça no regaço, e vergou-se toda sobre elle, procurando sentir nas faces frias o derradeiro calor d'aquelle bello corpo esculptural e masculino. E, desatinada, offegante, apalpava-lhe o peito, o rosto, a bronzea carne dos braços, e, com um grito de extrema agonia, molhava a bocca no sangue que elle expellia pela bocca.

Scott teve um estremecimento geral de corpo, contrahio-se, vergou a cabeça para traz, volveu para a moça os seus limpidos olhos commovidos, agora turvados pela morte, cerrou os dentes e, n'um arranco supremo, soltou o gemido derradeiro.

E o corpo do acrobata escapou das mãos finas de Olympia, inanimado.

a Luiz Murat

O MADEIREIRO

O MADEIREIRO

— Sua ama está em casa, rapariga ?

— Está, sim senhor. Tenha a bondade de dizer quem é.

— Diga-lhe que é a pessoa que ella espera para jantar.

— Ah ! Pode subir. Minha ama vem já.

Entrei e reconheci a saleta, onde eu antes fôra recebido tantas vezes pela viuvinha do general.

Quanta recordação ! Vira-a uma noite no Club de Regatas ; apresentou-m'a um jornalista então em moda ; dansamos e conversa-

mos muito. Ao despedir-nos, ella, com um sorriso promettedor, disse-me que costumava receber ás terças-feiras os amigos em sua casa e que eu lhe apparecesse.

Fui, e um mez depois eramos mais do que amigos, eramos amantes.

Adoravel creatura! simples, intelligente e meiga. No entanto, o meu amor por ella fôra sempre um tanto frouxo e preguiçoso. Aceitava e desfructava a sua ternura como quem acceita um obsequio de cortezia. Teria eu por ventura o direito a recusar-a?.

Mas, assim como nasceram, acabaram os nossos amores; uma occasião cheguei tarde de mais á entrevista; de outra vez lá não fui; depois esperei-a e ella não se apresentou; até que um dia, quando dei por mim, reparei que já não era seu amante.

Seis mezes já lá se iam depois d'isto, e eis que uma bella manhã, ao levantar-me da cama, entregaram-me uma carta.

Era d'ella.

«Meu amigo.

Sei que conserva as minhas cartas e peço-lhe que m'as restitua. Venha jantar comigo, mas não se apresente sem ellas. E' um caso sério, acredite.

São vinte. Não me falte e conte com a estima de quem espera merecer-lhe este ultimo obsequio.

Afianço que será o ultimo. — Sua amiga,
Laura.»

Para que diabo quereria ella as suas cartas?. Teria receio de que as mostrasse a alguém?. Impossivel!

Principiavam-me estas considerações, quando se rasgou a cortina da saleta e a viuvinha do general surgiu defronte de mim.

— Com effeito! disse ella. Só assim o tornaria a ter em minha casa! Bons olhos o vejam!

Beijei-lhe a mão.

— Trouxe? perguntou.

— Suas cartas? Pois não! Bem sabe que para mim as suas ordens são sagradas.

— Ainda bem. Sente-se.

Sentamo-nos ao lado um do outro. Ella rescendia uma combinação agradável de kanganã do Japão e sabonete inglez; tinha um vestido de linho enfeitado de rendas; e na frescura avelludada do seu collo destacava-se um medalhão de onix.

— Então, que fantasia foi essa? interoguei, depois de um silencio em que nos contemplamos com o mesmo sorriso.

E no intimo já estava gostando de haver lá ido. Achava-a mais galante; quasi que me parecia mais moça e mais bonita.

— Que fantasia?

— A de exigir as suas cartas.

Ella fez do seu meio sorriso um sorriso inteiro.

— Tinha receio de que alguém as visse?...

perguntei, tomando-lhe as mãos entre as minhas.

— Não! Supponho-o incapaz de tal baixeza.

— Então?

— Mas para que deixal-as lá? Está tudo acabado entre nós.

— E retirou a mão.

Eu cheguei-me mais para ella.

— Quem sabe? disse.

Laura soltou uma risada.

— Você ha de ser sempre o mesmo! Não se lembraria de mim se não recebesse o meu bilhete, e agora. Typo!

— Não digas tal, que é uma injustiça!

— Espere! Tire a mão da cinta! Tenha juízo!

— Já não te mereço nada?

— Deixe em paz o passado e tratemos do futuro. Eu quero que você seja meu amigo.

Dizendo isto, erguera-se e fôra abrir uma janella que despejava sobre o jardim.

— Está então tudo acabado? . Tudo? inqueri, erguendo-me tambem, e envolvendo-me no meu desejo, que ella fazia agora reviver, maior do que nunca.

E' que incontestavelmente o demonio da viuvinha estava muito mais appetitosa. Nunca tivera aquelles hombros, aquelle sorriso tão sanguineo e aquelles dentes tão brancos! Seus olhos ganharam muito durante a minha ausencia, estavam mais humidos e mysteriosos, e quasi bregeiros! o seu cabello parecia-me mais preto e mais lustroso; a sua pelle mais pallida, com uma cheirosa frescura de magnolia. Todos os seus movimentos adquiriram inesperada seducção; o seu quadril havia enrijado de um modo surprehendente; o seu collo tomára irresistiveis proeminencias que meus olhos cubiçosos não se fartavam de beijar.

— Então, tudo acabado, hein? .

— Tudo!

— Tudo? tudo? .

— Absolutamente !

— Para sempre ?

— Você assim o quiz, meu amigo ! Queixe-se de si !

Ia lançar-lhe as mãos e fechal-a n'um abraço ; ella, porém, desviou-se, ordenando-me com um gesto muito sério que me contivesse, puxou duas cadeiras para junto da janella e pediu-me que a ouvisse com toda a attenção.

— Sabe porque lhe exigi as minhas cartas ?.

— Porque ?

— Porque vou casar .

— Como ? A senhora disse que ia casar-se ?!

— Dentro de dous mezès.

— Com quem, Laura ?

E fiquei tambem eu muito sério.

— Com um negociante de madeiras.

— Um madeireiro ?

Ella meneou affirmativamente a cabeça ;

eu fiz um tregeito de bico com os labios e puz-me a sacudir a perna.

— S'tá bom !

— Que quer você ? . Uma senhora nas minhas condições precisa casar ! .

— Ora esta ! Um madeireiro !

— Que me ama muito mais do que você me amou, tanto assim que está disposto a fazer o que você nunca teve a coragem de imaginar sequer ! E juro-lhe, meu amigo, que saberei merecer a confiança de meu marido ! Serei em virtude o modelo das esposas ! .

Olhei-a de certo modo.

— Não seja tolo ! disse ella em resposta ao meu olhar.

E fugiu lá para dentro, sem consentir que eu a acompanhasse.

Só nos tornamos a vêr meia hora depois, já á mesa do jantar.

— E as cartas ? reclamou ella.

Tirei o maço do bolso, desatei-lhe a fiti-

nha côr de rosa que o atava ; contei as cartas, estavam todas as vinte methodicamente numeradas, com as competentes datas em cima, escriptas em letra boa.

Mas não tive animo de entregal-as.

— Olhe ! disse, trago-lh'as noutro dia.

Se as restituir agora, que pretexto posso ter para voltar cá ?.

— Hein ? Como ? Isso não é de cavalheiro !.

— Não sei ! Quem lhe mandou ficar mais seductura do que era ?

— Está então disposto a não entregar as minhas cartas ?.

— E até a servir-me d'ellas como arma de vingança !

Laura franziu a sobancelha e mordeu os beiços.

Tinhamos já crusado o talher da sobre-meza e bebiámos, calados ambos, a nossa taça de champagne.

O silencio durou ainda bastante tempo.

Ella só o quebrou para perguntar, muito seca, se eu queria mais assucar no café.

E continuamos mudos.

Afinal, accendi um charuto e arrastei minha cadeira para junto da sua.

— E' melhor ser minha amiga. segredei passando-lhe o braço na cintura.

— Não desejo outra cousa, balbuciou resentida e magoada. Peço-lhe juntamente que me proteja como amigo, em vez de pôr obstáculos ao meu futuro. Que diabo! eu preciso casar!.

— Eu lhe entrego as cartas. Descance,

— Então dê-m'as!

— Com a condição de prolongar a minha visita até mais tarde.

— Porém.

— E fazemos um pouco de musica ao piano como dantes. Está dito?

— Jura que me entrega depois as cartas?.

— Dou-lhe a minha palavra de honra.

— Pois então fique.

A's onze e meia, Laura apresentou-me o chapéo e a bengala.

Repelli-os e declarei positivamente que não lhe entregaria as cartas, se ella não me concedesse por aquella noite, aquella noite só, gozar ainda uma vez dos direitos que dantes o seu amor me conferia tão sollicitamente.

Ella a principio não quiz, mostrou-se zangada; mas eu insisti, suppliquei, jurei que seria a ultima vez, a ultima !

E não sahi.

Pela manhã, depois do almoço, Laura exigiu de novo as suas cartas.

Tirei o pacotinho da algibeira, abri-o, contei dez.

— E' a metade. Ahi ficam !

— Como a metade ?.

— Pois, Laura, você me acha tão tolo que te entregasse logo todas as tuas cartas ?.

E depois, em troca de que te pediria que

prolongasses um outro jantar como o de hontem?.

— Isso é uma velhacada!

— Que seja!

— Estou quasi não accitando nenhuma

— D'aqui a uma semana vir-te-hei trazer as outras dez. Está dito?

— Tratante!

D'ahi a uma semana, com effeito, lá ia eu, com as dez cartinhas na algibeira, em caminho da casa de Laura. E nunca em minha vida esperei com tanta ancia a hora de uma entrevista de amor. Os dias que a precederam afiguraram-se-me interminaveis e tristes. A viuvinha tambem se mostrava anciosa, quando menos por apanhar as suas cartas.

Mas, coitada! não recebeu as dez, recebeu cinco.

Pois se a achei ainda mais arrebatada n'esta segunda concessão que na primeira!...

E na seguinte semana recebeu apenas

duas cartas, e nas outras que se seguiram recebeu uma de cada vez.

Ah ! mas tambem ninguem poderá imaginar a minha afflicção ao desfazer-me da ultima ! Um jogador não estaria mais commovido ao jogar o derradeiro tento ! Eu ia ficar completamente arruinado ; ia ficar perdido ; ia ficar sem Laura, o que agora se me afigurava a maior desgraça d'este mundo !

Arrependi-me de lhe ter dado dez logo de uma vez e cinco de outra. Que grande estúpido fôra eu ! Esbanjára o meu bello capital, quando o podia ter feito render por muito tempo !

Então o espectro do madeireiro surgiu-me á phantasia, como eu o imaginava : bruto, vermelho, gordo e suarento. E Laura, ao meu lado, no abandono tepido da sua alcova sorria triumphante, porque tinha resgatado o unico laço que a prendia a outro homem. Estava livre !

Rasguei a carta ao meio.

— Aqui tem, disse, passando-lhe metade da folha de papel. Ainda me fica direito a um almoço e metade de uma noite em sua companhia. Peço-lhe que me deixe voltar

Ella riu-se, e só então reparei que meus olhos estavam cheios d'agua.

— Queres que te passe de novo o baralho?. perguntou-me enternecida, cingindo-se ao meu peito.

— Se quero!. Isso nem se pergunta!

— Mas agora é a minha vez de pôr a condição.

— Qual é?

— Só tornaremos a jogal-o depois de casados, serve-te?

— E o madeireiro? Elle não tem cartas tuas?

— Tranquillisa-te que, além de meu marido, eu só amei e escrevi a um homem, que és tu!

— Pois accetto com todos os diabos! E,

como ainda tenho jus a um almoço, não preciso sahir já !

Uma semana depois, Laura dizia-me á volta da igreja:

— Mas, meu querido, como queres tú que eu te mostre uma pessoa que não existe ?.

— Como não existe ? . Então o teu ex-noivo, o celebre madeireiro, cujo retrato trazias no medalhão de onix .

— Qual noivo ! Aquella photographia é de um jardineiro que tive ha muitos annos e que morreu aqui em casa .

— Então tudo aquillo foi ? .

— Foi o meio de arrastar-te para junto de mim, tolo ! e reconquistar o teu amor, que é tudo o que ambiciono n'esta vida !

ao Dr. Silva Araujo

OS PASSARINHOS

OS PASSARINHOS

Era uma rica tarde de novembro. O sol acabava de retirar-se n'aquelle instante, mas a terra, toda enrubecida, palpitava ainda com o calor dos seus ultimos beijos.

O ceu, vermelho e quente, debruçava-se sobre ella, envolvendo-a num longo abraço voluptuoso; de todos os lados ouvia-se o lamentoso estridular das cigarras, e as arvores concentravam-se, murmurando, em extasis, como se resassem a oração do crepusculo.

A'quella hora de recolhimento e de amor a natureza parecia commovida.

A noite abria lentamente no espaço as suas azas de paz, húmidas de orvalho, prenhes de estrellas que ainda mal se denunciavam numa palpitação diffusa. Uma boiada recolhia-se ao longe, abeberando nos charcos do caminho, e bois tranquillos levantavam a cabeça com a bocca escorrendo em fios de prata, e enchiam a solidão das clareiras com a prolongada tristeza dos seus mugidos. Num quintal, entre uma nuvem de pombos, uma rapariga apanhava da corda a roupa lavada que estivera corando durante o dia ; em quanto um homem, em mangas de camisa, passava na estrada, cantando, de ferramenta ao hombro. De cada casa vinha um rumor alegre de familia que se reúne para jantar, e, junto com latidos de cães e chôros de criança, ouvia o contente palavrear dos trabalhadores em descanso, ao lado da mulher e dos filhos.

Entretanto, um padre ainda moço, depois de passeiar silenciosamente á sombra das ar-

vores, foi assentar-se, triste e preocupado, nos restos de uma ponte de pedra, cuja pobreza as hervas disfarçavam com a opulencia da sua folhagem viçosa e florida. E ahi ficou a scismar, perdido num profundo enlevo, como se o ardente perfume daquella tarde de verão fôra forte de mais para a sua pobre alma enferma de homem casto.

Estranhos e indefinidos desejos levantavam-se dentro d'elle, pedindo confortos de uma felicidade que lhe não pertencia, e levando-o a cobiçar uma doce existencia desconhecida, que seu coração magoado e resentido mal se animava a sonhar por instincto.

E, assim, vinham-lhe á memoria, com uma reminiscencia dolorosa, todas as suas aspirações da infancia. Ah! nesse tempo, quanta esperanza no futuro!. Quanta innocencia nas suas aspirações! Quanta confiança em tudo que é da terra e em tudo que é do ceu!. Nesse tempo não conhecia

elle a luta dos homens contra os homens ; não conhecia as guerras da inveja e as guerras da vaidade ; não conhecia as humilhantes necessidades deste mundo ; não conhecia ainda a responsabilidade da sua vida e não sabia como dóe, como dóe ambicionar muito e nada conseguir ! Ah ! nesse tempo feliz, elle era expansivo e risonho ! Nesse tempo elle era bom .

Mas, continuou a pensar, crusando sobre o fundo estomago as mãos finas e descoradas, enterraram-me numa casa abominavel, para ser padre. Deram-me depois uma mortalha preta e disseram-me : «Estuda, medita, resa, e faze-te um santo ! E's moço ? Pois bem ! quando o sangue, em ondas de fogo, subir-te á cabeça e quizer estrangular os teus votos, agarra aquelle cilicio e fustiga com elle o corpo ! quando vires uma mulher, cujo olhar, humido e casto, te faça sonhar os deslumbra-mentos do amor, bate com os punhos cerrados contra o teu peito e alanha tua carne com

as unhas, até que sangres de todo o veneno da tua mocidade! Fecha-te emfim ao prazer e á ternura, fecha-te dentro da tua fé, como se te fechasses dentro de um tumulto!

E, com estas recordações, o infeliz quedara-se esquecido, a olhar cegamente para a paisagem, que, defronte delle, ia pouco e pouco se esfumando e esbatendo nos crepes da noite; ao passo que no ceu as estrellas se accendiam.

Desde que o destinaram a padre, sentia-se arrastado para a tristeza e para a solidão; achava certo gôso amargo em deixar-se consumir pela aspera certeza da sua inutilidade phisica. Não queria a convivencia dos outros homens, porque todos tinham e desfructavam aquillo que lhe era vedado — o amor, a alegria, a doce consolação da familia. O que elle desejava do fundo do seu desgosto era morrer, morrer logo ou, quando menos, envelhecer quanto antes; ficar feio, acabado, impotente; que o seu cabello de preto e lus-

troço se tornasse todo branco; que o seu olhar arrefecesse; que os seus dentes amarelassem e a sua fronte se abrisse em rugas. Desejava refugiar-se covardemente na velhice, como num abrigo seguro contra as paixões mundanas.

Soffria impetos de arrancar aquelle seu coração importunuo e esmagal-o debaixo dos pés. Não se sentia capaz de domar a matilha que lhe rosnava no sangue; sobresaltava-se com a idéa de succumbir a uma revolta mais forte dos nervos, e só a lembrança de que seria capaz de uma paixão sensual sacudia-o todo com um frio tremor de febre.

— Todavia. replicou-lhe do intimo da consciencia uma voz meiga, medrosa, quasi imperceptivel — todavia, o amor deve ser bem bom!

E dous fios compridos escorreram pelas faces pallidas do padre.

Nisto, o canto de um passarinho fel-o olhar para cima. Na embalsamada cupula de

verdura que cobria a fonte o innocente intruso trinava ao lado da sua companheira.

O moço estremeceu e ficou a olhar fixamente para elles. Os dous velhaquinhos, descuidosos na sua felicidade, conservavam-se muito unidos, como se estivessem cochichando segredos de amor. A femea estendia a cabeça ao amigo e, emquanto este lhe ordenava as pennas com o bico, ella, num arrepio, contrahia-se toda, com as azas levemente abertas e tremulas. Depois, uniram-se ainda mais, prostrados logo pelo mesmo entorpecimento.

Então, o joven ecclesiastico, tomado de uma vertigem, levantou o guarda-chuva e com uma pancada lançou por terra o amoroso par.

Os pobresitos, ainda palpitantes de amor, cahiram, estrebuchando a seus pés.

O padre voltou o rosto e affastou-se silenciosamente.

No horisonte esbatia-se a ultima restia de luz e o sino de uma torre distante soluçava ainda o toque de Ave Maria.

a Salustiano Sebrão

POLYTYPO

POLYTYPO

Suicidou-se ante-hontem o meu triste amigo Boaventura da Costa.

Pobre Boaventura! Jamais o caiporismo encontrou azylo tão commodo para as suas traiçoeiras manobras como naquelle corpinho d'elle, arqueado e secco, cuja exiguidade phisica, em contraste com a rara grandeza de sua alma, muita vez me levou a pensar seriamente na injustiça dos ceus e na desequilibrada desigualdade das coisas cá da terra.

Não conheci ainda creatura de melhor coração, nem de peor estrella. Possuia o des-

graçado os mais formosos dotes Moraes de que é susceptível um animal da nossa espécie, escondidos porém na mais ingrata e comprometedora figura que até hoje viram meus olhos por entre a interminável cadeia dos typos ridiculos.

O livro era excellente, mas a encadernação detestável.

Imagine-se um homenzinho de cinco pés de altura sobre um de largo, com uma grande cabeça feia, quasi sem testa, olhos fundos, pequenos e descabellados; nariz de feitio duvidoso, bocca sem expressão, gestos vulgares, nenhum signal de barba, braços curtos, peito apertado e pernas arqueadas; e ter-se-á uma idéa do typo do meu malogrado amigo.

Typo destinado a perder-se na multidão, mas que a cada instante se destacava justamente pela sua extraordinária vulgaridade; typo sem nenhum traço individual, sem uma nota própria, mas que por isso mesmo se fazia singular e apontado; typo, cuja phisio-

nomia ninguem conseguia reter na memoria, mas que todos suppunham conhecer ou já ter visto em alguma parte; typo a que homem algum, nem mesmo aquelles a quem o infeliz, levado pelos impulsos generosos de sua alma, prestava com sacrificio os mais galantes obsequios, jamais encarou sem uma instinctiva e secreta ponta de desconfiança.

Se em qualquer conflicto, na rua, num theatro, no café ou no bonde, era uma senhora desacatada, ou era um velho victima de alguma violencia; ou uma criança batida por alguém mais forte do que ella, Boaventura tomava logo as dores pela parte fraca, revoltava-se indignado, castigava com palavras energicas o culpado; mas ninguem, ninguem lhe attribuia a paternidade de acção tão generosa. Ao passo que, quando em sua presença se commettia qualquer acto desairroso, cujo autor não fosse logo descoberto, todos olhavam para elle desconfiados, e em cada

rosto o pobre Boaventura percebia uma accusação tacita.

E o peor é que nestas occasiões, em que tão injustamente era tomado por outro, ficava o desgraçado por tal modo confuso e perplexo, que, em vez de protestar, começava a empallidecer, a engolir em secco, aggravando cada vez mais a sua dura situação.

Outro doloroso caiporismo dos seus, era o de parecer-se com todo o mundo. Boaventura não tinha phisionomia propria; tinha um pouco da de toda a genté. Dahi os qui-procós em que elle, apezar de tão bom e tão pacato, vivia sempre enredado. Tão depressa o tomavam por um actor, como por um padre, ou por um barbeiro, ou por um policia secreto; tomavam-no por tudo e por todos, menos pelo Boaventura da Costa, rapaz solteiro, amanuense de uma repartição publica, pessoa honesta e de bons costumes.

Tinha cara de tudo e não tinha cara de nada, ao certo. A circumstancia da sua falta

absoluta de barba dava-lhe ao rosto uma du-bia expressão, que tanto podia ser de homem, como de mulher, ou mesmo de criança. Era muito difficil, senão impossivel, determinar-lhe a idade. Visto de certo modo, parecia um sujeito de trinta annos, mas bastava que elle mudasse de posição para que o observador mudasse tambem de julgamento; de perfil representava pessoa bastante edosa, mas, olhado de costas, dir-se-ia um estudante de preparatorios; contemplado de cima para baixo era quasi um bonito moço, porém, de baixo para cima era simplesmente horrivel.

Encarando-o bem de frente, ninguem hesitaria em dar-lhe vinte e cinco annos, mas, com o rosto em tres quartos, afigurava apenas dezoito. Quando sahia á rua, em noutes chuvosas, com a golla do sobretudo até ás orelhas e o chapéo até á golla do sobretudo, passava por um velhinho octagenario; e, quando estava em casa, no verão, em fralda de camisa, a brincar com o seu gato ou com

o seu cachorro, era sem tirar nem pôr, um nhônô de uns dez ou doze annos de idade.

Um dia, entre muitos, em que a policia, por engano, lhe invadio os aposentos, surpreendeu-o dormindo, muito agachadinho sob os lençoes, com a cabeça embrulhada num lenço á laia de touca, e o sargento exclamou commovido :

— Uma criança! Pobresinha! Como a deixaram aqui tão desamparada!

De outra vez, quando ainda a policia quiz dar caça a certas mulheres, que tiveram a phantasia de tomar trajos de homem e percorrer assim as ruas da cidade, Boaventura foi logo agarrado e só na estação conseguiu provar que não era quem suppunham. Outra occasião, indo procurar certo artista, de cujos serviços precisava, foi recebido no corredor com esta singularissima phrase :

— Que?! Pois a senhora tem a coragem de voltar?. E quer vêr se me engana com essas calças?

Tomara-o pela sogra, a quem na vespera havia despedido de casa.

Não se dava conflicto de rua, em que, passando perto o Boaventura, não o tomassem immediatamente por um dos desordeiros. Era elle sempre o mais sobresaltado, o mais livido, o mais suspeito dos circumstantes. Não conseguia atravessar um quarteirão, sem que fosse a cada passo interrompido por varias pessoas desconhecidas, que lhe davam joviaes palmadas no hombro e na barriga, acompanhando-as de alegres e risonhas phrazes de velha e intima amizade.

Em outros casos era um credor que o perseguia, convencido de que o devedor queria escapar-lhe, fingindo não ser o proprio; ou uma mulher que o descompunha em publico; ou um agente policial que lhe rondava os passos; ou um soldado que lhe cortava o caminho suppondo vêr n'elle um collega desertor.

E tudo isto ia o infeliz suportando, sem

nunca aliás ter em sua vida commettido a menor culpa.

Uma existencia impossivel!

Se se achava n'uma repartição publica, tomavam-no, infallivelmente, pelo continuo; nas egrejas passava sempre pelo sachristão, nos cafés, se acontecia levantar-se da meza sem chapéo, bradava-lhe logo um consumidor, segurando-lhe o braço :

— Garçon! Ha meia hora que reclamo quem me sirva.

Se ia provar um paletó á loja do alfaiate, enquanto estivesse em mangas de camiza, era só a elle que se dirigiam as pessas chegadas depois. Nas muitas vezes que foi preso como supposto auctor de varios crimes, a auctoridade affiançava sempre que elle tinha diversos retratos na policia. Verdade era que as photographias não se pareciam entre si, mas todas se pareciam com Boaventura.

N'um club familiar, quando o infeliz já no corredor, reclamava do porteiro o seu cha-

péo para retirar-se, uma senhora de nervos fortes chegou-se por detraz d'elle na ponta dos pés e ferrou-lhe um beliscão.

— Pensas que não vi o teu escandalo com a viuva Sarmiento, grandissimo velhaco?!

O misero voltára-se inalteravelmente, sem a menor surpresa. Ah! elle já estava mais que habituado áquelles enganos.

Que vida!

Afinal, e nem podia deixar de ser assim, atirou-se ao mar.

No necroterio, onde fui por acaso, encontrei já muita gente; e todos afflictos, e todos agonisados defronte d'aquelle cadaver que se parecia com um parente ou com um amigo de cada um d'elles.

Havia choro a valer e, entre o clamor geral, distinguiam-se estas e outras phrazes:

— Meu filho morto! Meu filho morto!

— Valha-me Deus! Estou viuva! Ai o meu rico homem!

— O' senhores! Ia jurar que este cadaver é o do Manduca!.

— Mas não me engano! é o meu caixeiro!

— Dir-se-hia que este moço era um meu antigo companheiro de bilhar!.

— E eu aposto como é um velho, que tinha um botequim por debaixo da casa onde eu moro!

— Qual velho, o quê! Conheço este defunto. Era estudante de medicina! Uma vez até tomamos banho juntos, no boqueirão. Lembro-me d'elle perfeitamente!

— Estudante! Ora muito obrigado! ha mais de dous annos chamei-o fóra d'horas para ir vêr minha mulher que tinia de coliccas! Era medico velho!

— Impossivel! Afianço que este era um pequeno que vendia jornaes. Ia levar-me todos os dias a Gazeta a casa. E' que a morte alterou-lhe as feições!.

— Meu pae!

— O Bernardino!

-
- Oh ! Meu padrinho !
— Jesus ! Este é meu tio José !
— Coitado do padre Rocha !

Pobre Boaventura ! Só eu eu compreendi, adivinhei, que aquelle cadaver não podia ser senão o teu, ó triste Boaventura da Costa !

E isso mesmo porque me pareceu reconhecer naquelle defundo todo o mundo, menos tu, meu desgraçado amigo.

A Francisco Colás

NO MARANHÃO

NO MARANHÃO

Quando eu tinha treze annos, lá na provincia, uma das familias que mais intimamente se dava com a minha era a do velho Cunha, um bom homem, já affastado do commercio a retalho, onde fizera o seu peculio, e casado com uma senhora brazileira, D. Marianna.

Tinham um casal de filhos: Luiz e Rosa, ou Rosinha, como lhe chamavamos. Luiz era mais velho que a irmã apenas um anno e mais moço do que eu apenas mezes.

Fomos por bem dizer criados juntos,

porque, quando não era eu que ia visitá-los, eram elles dous que vinham passar o dia comigo.

Moravam na praia de Santo Antonio, num grande e bello sobrado, cujos fundos, como o de todas as casas do littoral da ilha do Maranhão, davam directamente para o mar.

O Cunha, alem d'esta casa, que era de sua propriedade, tinha um sitio onde ia frequentemente passeiar com a familia.

Quasi sempre levavam-me tambem. O sitio chamava-se «Boa-Vinda» e ficava á margem do rio Anil, para alem de Vinhaes. Embarcava-se no proprio quintal da casa.

Estes passeios á Boa-Vinda constituíam um dos maiores encantos da minha infancia.

Criado á beira mar na minha ilha, eu adorava a agua. Aos doze annos era já valente nadador, sabia governar um escaler ou uma canôa, amainar com destreza a vela num temporal, e meu remo não se deixava

bater facilmente pelo remo de pá de qualquer jacumahuba pescador de piabas.

Sahiamos quasi sempre no segredo da primeira madrugada e chegavamos ao sitio ao repontar do sol.

Ah! que deliciosos passeios! Que bellas manhãs frescas, deslisadas por entre õs mangaes, sentindo-se rescender forte o odor salgado das marezias! E depois, lá no sitio, installados na varanda de telha vã, que prazer não era devorar o almoço, assentados todos em bancos de páo, de volta de uma meza coberta de linho claro, a beber-se o vinho novo do cajú por grandes canecas de terra vermelha! E depois—toca a brincar! toca a correr por ahí afóra, em pleno matto, cabellos ao vento, corpo e coração á larga!

E, á tarde, depois do jantar, quando a natureza principiava a cahir nos desfalecimentos chorosos do crepusculo, vinhamos todos assentar-nos na eira, defronte da casa, ouvindo o pio mavioso e plangente das sururi-

nas, que se acoitavam para dormir nas mattas proximas. Então, Luiz ia buscar a sua flautã; Rosinha o seu violão, e eu, acompanhado por elles, punha-me a cantar as modas mais bonitas de minha terra.

D. Marianna e o Cunha gostavam de ouvir-me cantar. Nesse tempo a minha voz tinha ainda, como minha alma, toda a frescura da innocencia.

A' noute, emfim, mettia-se de novo no balaio as vazilhas do farnel, carregava-se com tudo para bordo da canôa, extendia-se por cima um vela de lona, em que nos assentavamos os tres, Luiz, a irmã e eu; o Cunha tomava conta do leme, com a mulher ao lado; tres escravos encarregavam-se dos remos, e rebatiamos para a cidade.

Tanto era risonha e viva a ida pela manhã, quanto era arrastada e quasi triste a volta pela noute. D. Marianna começava a cabecear de somno; o Cunha punha-se a fallar comnosco sobre as nossas obrigações

de aula no dia seguinte; Luiz em geral deitava-se com a cabeça no regaço da irmã; e eu esticava-me sobre a lona, de rosto para o ceu, a olhar as estrellas.

Uma noute voltavamos do sitio nessas condições. Mas havia luar.

E que luar! Desse que parece feito para quem anda embarcado; desse que vae espalhando pelo caminho adiante brancos phantasmas que soluçam, correndo pelas aguas, surgindo e desaparecendo com as suas mortaldas de prata, n'uma agonia de morte, como se fossem as almas afflictas dos afogados.

Tinhamos já passado Vinhaes havia muito, e iam agora deixando atraz de nós, uma por uma, todas as velhas quintas do Caminho-Grande, que dão um lado para o Anil. D. Marianna toscanejava como de costume, recostada numa almofada, o rosto pousado na palma da mão; Rosinha, com um braço fóra da canôa, brincava pensativa com as pontas dos dedos na orla phosphorescente

que se fazia nas aguas a cada rumorosa braçagem dos remos; Luiz cantarolava distrahido; e o velho Cunha, vergado sobre o braço do leme, com o seu grande chapéo de carnahuba derreado para a nuca, a camisa e o casaco de brim pardo abertos sobre o peito, fitava as praias que iam percorrendo, como se a belleza daquella noute do norte e a solidão d'aquelle formoso rio azul lhe enleassem traiçoeiramente o espirito burguez, fazendo o milagre de arrebatá-lo para um devaneio contemplativo e poetico.

Qual! No fim de longo recolhimento, quando passavamos em certa altura do rio, disse-me elle com um suspiro de lastima:

— Que desperdicio de dinheiro!. E quanta incuria vae por aqui!. Vês aquellas ruinas cobertas de matto? aquillo foi principiado ha bem quarenta annos para um grande armazem de alfandega. nunca passou do começo! Teve a mesma sorte do caes da sagração e do dique das Mercês!

Que gente !

E eu puz-me a considerar as ruínas, que pareciam crescer á luz do luar ; e o Cunha, possuido de uma febre de censura, continuava a derramar pelas tristes aguas do Anil a sua cansada indignação contra os maldictos presidentes de provincia, que tão mal cuidavam da nossa pobre e querida capital.

E, á marcha monotona e vagarosa da çanôa, ia-se desdobrando lentamente ao lado de nós todo o flanco alcantilado da cidade.

Surgio a distancia o largo dos Remedios, elevando-se da praia como um velho baluarte dos tempos guerreiros.

Ouvia-se já um rumor tristonho de casuarinas.

— Está ali ! exclamou o Cunha, extendendo o braço para o lado de terra. Para que aquillo ? . Para que esbanjar dinheiro com uma estatua daquela ordem, quando ha por ahi tanta cousa de necessidade séria de que se não cuida ? .

Olhei na direcção que o Cunha indicava e vi a estatua de Gonçalves Dias, erguida no meio do largo dos Remedios, toda branca, muito alta, triste ao luar como a solitaria columna de um tumulo.

Não achei animo nem palavras para protestar contra o que dizia o bom Cunha. De Gonçalves Dias sabia apenas que fôra um poeta infeliz e nada mais.

— E' ! rosnou o pobre homem. Para o luxo de encarapitar aquelle grande boneco no tope daquelle immenso canudo de marmore — houve dinheiro ! E dinheiro grosso ! Todo o povo do Maranhão concorreu ! Ao passo que, para concluir o trapiche de Campos Mello, que é uma necessidade reclamada todos os dias pelo commercio, não appareceu ainda quem se mexesse ! Sucia de doudos ! Isto é uma coisa tão revoltante que eu confesso, chego a arrepender-me de me ter naturalizado !

Tornei a olhar para a estatua e, não sei

porque, as palavras do velho Cunha não me produziram desta vez a impressão de respeito que costumavam exercer sobre mim.

Pungia-me aquillo até como uma blasphemia cuspida sobre uma imagem sagrada. Lá em casa da minha familia todos veneravam a memoria do nosso poeta, e lá na escola, onde eu aprendia a escrever a lingua portugueza, o meu proprio mestre lhe chamava a elle mestre.

No entanto não oppuz uma palavra de defeza; mas, fitando agora de mais perto a branca figura de pedra, que na sua mudez gloriosa encara aquelle mesmo mar que servio de sepultura ao cantor das palmeiras de minha terra, achei-lhe o ar tão tranquillo, tão superior, tão distante de mim e do Cunha, que baluciei para este, timidamente:

— Mas, seu Cunha, se o povo lhe fez aquella estatua, é porque elle naturalmente o mereceu, coitado!

— Mereceu?! Porque?! O que foi que elle fez?. «Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorgeiam, não gorgeiam como lá.»?! Está ahí o que elle fez! Fez versos!

E o Cunha, no auge da sua indignação, redobrou de furia contra a loucura dos homens, que levantavam estatuas a poetas, sem cuidar de concluir os trapiches que o commercio a retalho reclamava.

Nesse instante a canôa deslisava justamente por defronte do largo dos Remedios.

A lua, perdida e só no meio do ceu luminoso, banhava no seu mysterioso efflúvio a immovel e branca figura de marmore.

E Rosinha, que não prestára attenção á nossa conversa, abriu a cantar, com a sua voz crystalina de donzella, uma das cantigas mais populares do Brazil:

«Se queres saber os meios
Porque ás vezes me arreбата
Nas azas do pensamento
A poesia tão grata ;
Porque vejo nos meus sonhos
Tantos anginhos dos ceus,
Vem commigo, oh doce amada !
Que eu te direi os caminhos
Donde se encheram os anginhos,
Donde se trata com Deus.»

E aquella menina, na sua virginal singeleza, estava desaffrontando Gonçalves Dias, porque são delle os versos que ella ia cantando aos pés da sua estatua, innocentemente ; rendendo, sem saber, enquanto o pae o amaldiçoava, o maior preito que se pode render a um poeta : repetir-lhe os versos, sem indagar quem os fez.

Não sou supersticioso nem o era nesse tempo, apesar dos meus trese annos, mas quiz parecer-me que naquelle momento a estatua sorrio.

Effeitos do luar, naturalmente.

Ou, quem sabe lá? talvez fosse obra dos meus próprios olhos, porque os versos eram tristes e é bem possível que me fizessem chorar.

a Arthur Azevedo

COMO O DEMO AS ARMA

COMO O DEMO AS ARMA

Therezinha era a flor das pequenas lá da fabrica. Todos lhe queriam bem. Ninguem como ella para saber guardar as conveniencias e saber cumprir com os seus deveres sem fazer caretas de sacrificio.

Vivia de cara alegre; tocava o seu bocado de piano; sabia arranjar desenhos para os seus bordados; tinha repentes de muita graça; e nunca nenhuma das companheiras lhe apanhára a ponta de um desses escandalos, que são a riqueza das palestras nos logares em que ha muitas raparigas juntas.

Além disso, era de uma economia limpa e natural; nas suas mãosinhas côm de rosa e picadas de agulha o escasso ordenado de costureira parecia transformar-se em moeda forte. Vestido seu nunca ficava totalmente velho: era já mudar-lhe o feitio; era já trocar-lhe os enfeites, e ahí estava Therezinha mettendo as outras no chinello.

— Uma joia! resumia o gerente da fabrica.

E jurava que, se não fôra velho e casado, havia de fazer-lhe a felicidade.

Mas Therezinha, pelo geito, não queria casar. Por mais de uma vez appareceram-lhe partidos bem acceitaveis, e ella torcera o narizinho a todos, dizendo que ainda era muito cedo para pensar nisso. Um seu visinho, o Lucas, com armarinho de modas e rapaz estimado no commercio, chegou a offerecer-lhe um dote de dez contos de réis; outro, o Cruz, tambem com armarinho e não menos estimado que o primeiro, jurou-lhe numa carta,

que faria saltar os miolos, se ella não o tomasse por marido. Therezinha não quiz nenhum dos dous e continuou, muito escorreita no seu vestidinho justo ao corpo, uma flor ao peito, a bolsa de couro na mão, a passar-lhes todos os dias pela porta, no sonoro tictac dos seus passos miudos, indo pela manhã para a fabrica e voltando á tarde para casa, sempre ligeira e saltitante como um passaro arisco.

Mas, quando lhe morreu a tia com quem ella habitava, e a pequena ficou só no mundo, disseram logo :

— Agora é que veremos se ella quebra ou não quebra o capricho !

— Talvez se aggregue por ahi a qualquer familia conhecida. conjecturaram.

— Não! não será tão tôla que se sujeite a isso, podendo dispôr de um marido logo que o queira !

— De um ou de mais !

— Ora ! não falta quem a deseje !

Therezinha, todavia, não se casou, nem foi abrigar-se á sombra de ninguem; ficou morando na mesma casa em que lhe morrêra a tia, conservando uma criada velha que as acompanhava havia muitos annos. Na fabrica — a mesma pontualidade, a mesma linha de conducta, a mesma limpeza e diligencia no serviço, na rua — aquelle mesmo passinho curto e apressado, que mal deixava aos seus varios pretendentes lobrigar a ponta das suas honestas botinas pretas de salto baixo.

Não obstante, mezes depois, principiaram de apparecer-lhe transformações. Notavam todos, lá na fabrica, que a Therezinha já não era aquella rapariga alegre e pichosa dos primitivos tempos; agora tinha exquisitices de genio e cahia em fundas abstracções, quedando-se horas perdidas a olhar para o espaço, de bocca aberta, o trabalho esquecido sobre os joelhos.

— Que terá ella? cochichavam as companheiras:

E observavam, com pontinhas de riso bregeiro, que a exemplar Therezinha, a — diligencia em pessoa — já não era a primeira a pegar na costura e a ultima a deixar o serviço.

A partir d'ahi, puzeram-se a espreital-a e a seguil-a na rua.

Descobriram logo que Therezinha ao sair do trabalho, em vez de ir para casa, mettia-se na Bibliotheca Nacional ou nos gabinetes de leitura ou então nas lojas dos livreiros.

E viam-na passar um tempo esquecido a escolher brochuras, a consultar revistas e alfarrabios, fariscando n'elles com o nariz enterrado entre as paginas, alguma cousa, que ninguem atinava com o que fosse.

— Querem ver que ella deu para philosopha? commentaram as outras raparigas.

Uma das mais velhacas da roda affiançou que não seria a primeira Thereza que desse para isso.

E o grande facto é que todo o dinheirinho das economias de Therezinha era lambido pelos vendedores de livros. Já lhe notavam até certa negligencia no trage e no penteado.

Uma vez apresentou-se na officina de sapatos rotos.

—O' Therezinha! objurcou-lhe uma amiga, tu está ficando desmazelada!

Por outro lado, o gerente principiava a resmungar: Pois elle queria lá doutoras no estabelecimento!. A senhora dona Therezinha parecia já não ligar a minima importancia ao serviço! O tempo era-lhe pouco para os romances que ella trazia escondidos no bolso! Não! assim, que tivesse paciencia! mas não havia remedio senão mandal-a passeiar! Iasse alli para desunhar na costura e não para contar-se as taboas do tecto. E, por isso, que diabo! pagava-se a todas pontualmente e em bom dinheiro! Não se tinha alli ninguem de graça!

Uma occasião apresentou-se mais tarde,

muito pallida, com grandes olheiras. Percebia-se facilmente que passára a noite em claro.

Trazia entre os dedos um volume de Theophile Gauthier, marcado em certa pagina.

N'esse dia trabalhou bastante, com febre. Mal, porém, terminou a obrigação, correu á casa e fechou-se na sala, defronte do candieiro de kerosene.

Abriu o livro no logar marcado — *Unec larme du diable!*

Releu inda uma vez a singularissima novella. Aquella extravagante phantasia do rei dos bohemios, a alma doente e sonhadora do eleito da decadencia romantica, a imaginação desvairada d'aquelle fumador de opio, embriagaram-na com uma delicia de vinho traiçoeiro.

Uma lagrima do diabo !

Que haveria de verdade nessa lagrima e o que vinha a ser ao certo, esse diabo, de que lhe fallavam os poetas, os padres, os

professores, as crianças e as velhas? O diabo! Mas com effeito existiria o diabo?

Já em outros livros encontrára o mesmo que affirmára Gauthier: o tal genio do mal, disfarçado em rapaz bonito, a correr o mundo, para tentar as pobres raparigas. Um alfarabio religioso de sua tia ensinára-lhe que o maldito andava solto, ahi por essas ruas da cidade, janota, barbeado e cheiroso, e que as moças inexperientes precisavam ter todo o cuidado, porque o patife, alem de tudo, escondia os cornos e o rabo, e não havia por onde reconhecê-lo.

Definitivamente era muito perigoso para ella arriscar-se sosinha, todos os dias, a cair em semelhante perigo!

E se o encontrasse?

Santo Deus! só esta idéa a fazia tremer toda.

E começou a chegar-se muito para os velhos, a affeição-se por elles. Com os moços é que não queria graças; temia-os a todos,

principalmente os sympathicos e esmerados na roupa.

— Nada! nada de imprudencias! Póde muito bem ser que eu caia nas mãos do tal!

Isso, porém, não impediu que a cautelosa Therezinha, um bello dia, ao dobrar uma esquina, dêsse cara a cara com um bello rapagão loiro, de bigodes retorcidos, nariz arrebitado e monoculo.

Cheirava que era um gosto.

— Estou perdida! balbuciou ella, tremula, estacando defronte do rapaz, sem animo de erguer a vista, porque tinha de ante-mão certeza de que o olhar d'elle havia de cegal-a.

— Desta vez não me escapas! murmurou o moço.

— Não ha duvida! E' elle mesmo! gaguejou a medrosa, quasi a chorar. Valha-me Nossa Senhora!

E recuou alguns passos.

— Não fujas! disse o sujeito.

Ella obedeceu logo e até chegou-se mais para o diabo, attrahida, presa, vencida, como se aquellas duas palavras fossem as pontas de uma tenaz que a segurasse pelas carnes.

Elle passou-lhe o braço na cintura.

— Tenho tanta coisa a dizer-te, minha flor! .e Se quizesse ouvir-me. Oh! eu seria o ente mais feliz do mundo! Olha! a tarde está magnifica, vamos nós dar um passeio juntos?

Therezinha não oppoz objecção e deixou-se conduzir.

— Meu Deus! meu Deus! lamentava-se ella pelo caminho, segurando-se ao braço do demonio. Estou aqui, estou no inferno!

O demonio levou-a para casa d'elle e mal entraram, atirou-se-lhe aos pés, cobrindo-a de beijos ardentes.

Ella soluçava.

— Porque choras, meu amor?.

Seu halito queimava. Therezinha via sa-hirem-lhe faiscas dos olhos. E, sempre a

tremer, e sem animo de recusar nada pedialhe compaixão, convencida de que era aquelle o ultimo momento da sua vida.

— O diabo não é tão feio como se pinta!...
volveu o moço, affagando-a.

— Ah! não! não! bem o vejo! respondeu ella, receiosa de contrarial-o. Mas, por quem é, não me faça mal!

— Fazer-te mal? Que loucura! Fazer-te mal, eu, que te amo; eu, que ha tanto tempo, passo horas e horas á espera que saias do serviço para acompanhar-te de longe, sem te perder de vista; o que, sabes? é difficil, porque nunca vi andar tão depressa! Mas esqueçamos tudo isso! agora és só minha, não é verdade?. Não é verdade que, de hoje em diante, me confiarás toda a tua alma e todo o teu coração?.

— Que remedio tenho eu!

— Não imaginas como seremos felizes!
Meu ordenado chega perfeitamente para os dous e.

— Que ?. Seu ordenado ?.

— Sim, meu amor, eu sou empregado publico.

— Empregado ? Não é possível!

— Sou, filhinha! Estou a dizer-te! Sou empregado no thesouro; apanhei o logar por concurso: ganho tresentos mil réis por mez, afóra os achegos que apparecem.

— O senhor está gracejando! Diga-me uma coisa, mas não me engane. O senhor não é o diabo?

O rapaz soltou uma risada.

— Pois tu ainda acreditas no diabo? E' boa!

— Ora esta!. murmurou Therezinha, se eu desconfiasse!. Agora. paciencia! já não ha remedio Caso-me com o Lucas.

FIM

INDICE

	PAG.
Demonios	11
O macaco azul	85
Cadaveres insepultos	101
Aos vinte annos	135
Daś notas de uma viuva	149
Uma licção	161
Musculos e nervos	187
O madeireiro	197
Os passarinhos	215
Polytypo	225
No Maranhão	239
Como o demo as arma	253

GRANDE LIVRARIA PAULISTA

DE

TEIXEIRA & IRMÃO

65, RUA DE S. BENTO, 65 — S. PAULO

DR. JULIO DE MATTOS

- A loucura.** Estudos clinicos e medico-legaes. 1 vol.
illustrado com 12 photo-gravuras. 4\$000
- Manual das doenças mentaes.** 1 vol. 6\$000
- Allucinações e illusões.** Ensaio de psychologia medica, 1 vol. 1\$500
- Paranoias.** Estudo sobre os delirios systematisados, 1 vol.

DR. ALBERTO SALLES

- Sciencia politica,** 1 vol. 4\$000
- Ensaio sobre a moderna concepção do direito,** 1 vol. 3\$000

FERNANDO PUGLIA

- Prologomenos ao estudo do direito repressivo,** 1 vol. 3\$000
- Da tentativa,** 1 vol. 2\$000

J. FIORETTI

- Sobre a legitima defesa.** Estudo de criminologia, 1 vol. 3\$000

DR. J. DE SÁ E ALBUQUERQUE

- Carteira juridica.** Nova edição contendo: Codigo criminal (novo), Reforma judiciaria, um dictionario juridico abrangendo todas as questões theoricas e praticas de direito civil, criminal, commercial e orphanologico, onde com facilidade e de momento encontrará quem a consultar solução das questões juridicas, opiniões de praxistas e arestos; Organização judiciaria e Regulamento da mesma do Estado e o novo Regulamento de custas estadual, 1 vol. enc. . 6\$000

DR HYPPOLITO DE CAMARGO

- Codigo penal dos Estados Unidos do Brazil**, reportorio analytico e ementas theoreticas e praticas, 3.^a edição 3\$000
- Menores e interdictos**. Estudos sobre tutelas e curatelas, 1 vol. enc. 4\$000
- O estado civil**. Nascimentos, casamentos e obitos, theoria e pratica, 1 vol. 4\$000

GAROFALO

- Criminologia**. Traducção da 3.^a edição italiana, feita e prefaciada pelo dr. Julio de Mattos, 1 vol. 6\$000

FERRI

- Sociologia criminal**. Traducção do dr. Bernardo Lucas. (A sahir do prelo).

LIOY

- A nova escola penal**. Exposição popular, 1 vol. 1\$000

REGULAMENTO DO SELLO

- Decreto n.º 1264 de 11 de Fevereiro de 1893 que dá novo Regulamento para a cobrança do sello do papel, 1 vol. 1\$000

DR. G. DE MOURA LACERDA

- Instituições de medicina legal brasileira**, 1 vol.. 6\$000

DR. JOÃO MONTEIRO

- Universalisação da direito**, 1 vol. 2\$000

-
- Processo para as eleições federaes**. Lei n.º 35 de 26 de janeiro de 1892 com todos os modelos necessarios á sua execução quer quanto ao alistamento dos eleitores, quer quanto ás eleições, por UM BACHAREL EM DIREITO, ex-deputado no Congresso Nacional, 1 vol. 2\$000

- Lei hypothecaria e de Sociedades anonymas**. 1\$000

- Lei Torrens e regulamento**. 1\$000

- Novo regulamento para a introduccção, collocação de emigrantes e Burgos agricolas**. 500

Regulamento sobre divisão e demarcação das terras particulares.	500
Das fallencias. Registro de firmas ou razões commerciaes acompanhado de um formulario e de modelos officiaes, determinados pelo decreto 916 de 24 de outubro de 1890. 2. ^a edição.	1\$500
Constituição dos Estados Unidos do Brazil.	500
Constituição do Estado de S. Paulo	500

OBRAS DE ALUIZIO AZEVEDO

ROMANCES

- Uma lagrima de mulher**—1879. Maranhão. Edição esgotada
- O mulato**—1880. Maranhão. Edição esgotada.—1889. Rio de Janeiro. Nova edição.
- Memoria de um condemnado**—1831. Rio de Janeiro. Edição esgotada.
- Mysterio da Tijuca**—1882. Rio de Janeiro.
- Casa de pensão**—1883. Rio de Janeiro. Edição esgotada.
- Philomena Borges**—1833. Rio de Janeiro. Edição esgotada.
- O Coruja**—1885. Rio de Janeiro.
- O Homem**—1887. Rio de Janeiro. 1.^a, 2.^a e 3.^a edições esgotadas. 1888. Novas edições.
- O Cortiço**—1890. Rio de Janeiro.

NOVELLAS E CONTOS.

- Demonios**—1893. S. Paulo. Editores, Teixeira & Irmão.

THEATRO

- O Mulato**—1884. Drama em 3 actos. Representado no theatro *Recreio Dramatico*.
- Casa de Orates**—1882. Comedia em 3 actos. Collaboração com Arthur Azevedo. Theatro *Santa Anna*.
- Flor de liz**—1882. Opereta em 3 actos. Collaboração com Arthur Azevedo. Theatro *Santa Anna*.
- Philomena Borges**—1884. Comedia em 1 acto. Theatro *Principe Imperial*.

- Venenos que curam**—1885. Comedia em 4 actos. Collaboração com Emilio Rouede. Theatro *Lucinda*.
- O Caboclo**—1886. Drama em 3 actos. Collaboração com Emilio Rouede. Theatro *Lucinda*.
- Os Sonhadores**—1887. Comedia em 3 actos. Representada com o titulo *Macaquinhos no sótão*. Theatro *Santa Anna*.
- Fritzmack**—1888. Revista de anno. Collaboração com Arthur Azevedo. Representada no theatro *Variedades Dramaticas*.
- A Republica**—1890. Revista de anno. Collaboração com Arthur Azevedo. No theatro *Variedades Dramaticas*.
- Um caso de Adulterio**—1891. Drama em 3 actos. Collaboração com Emilio Rouede. No theatro *Lucinda*.
- Em flagrante**—1891. Comedia em 1 acto. Idem, idem.

©

A REPRESENTAR

- As minas de Salomão**—Phantasia em 5 actos.
- O Inferno**. Phantasia em 3 actos. Collaboração com Emilio Rouede.
- © **A Mulher**. Drama phantastico em 5 actos.

A PUBLICAR EM VOLUME

- Mortalha de Alzira**. Romance já publicado na *Gazeta de Noticias* com o pseudonymo de *Victor Leal*.

GRANDE LIVRARIA PAULISTA

DE

TEIXEIRA & IRMÃO

65, RUA DE S. BENTO, 65 — S. PAULO

JULIO RIBEIRO

A Carne, romance naturalista, 1 vol. br..... 3\$000

DR. THEOPHILO DIAS

A Comedia dos Deuses, com um notavel prefacio
de Pinheiro Chagas, 1 vol.... 2\$000

GUERRA JUNQUEIRO

A Velhice do Padre Eterno, 1 grosso vol..... 3\$000

A Musa em férias, 1 vol..... 2\$000

Finis Patria, 1 vol..... 1\$000

BERNARDINO PINHEIRO, PINDELA

Azulejos, um volume nitidamente impresso e com
um longo prefacio de Eça de Queiroz..... 2\$000

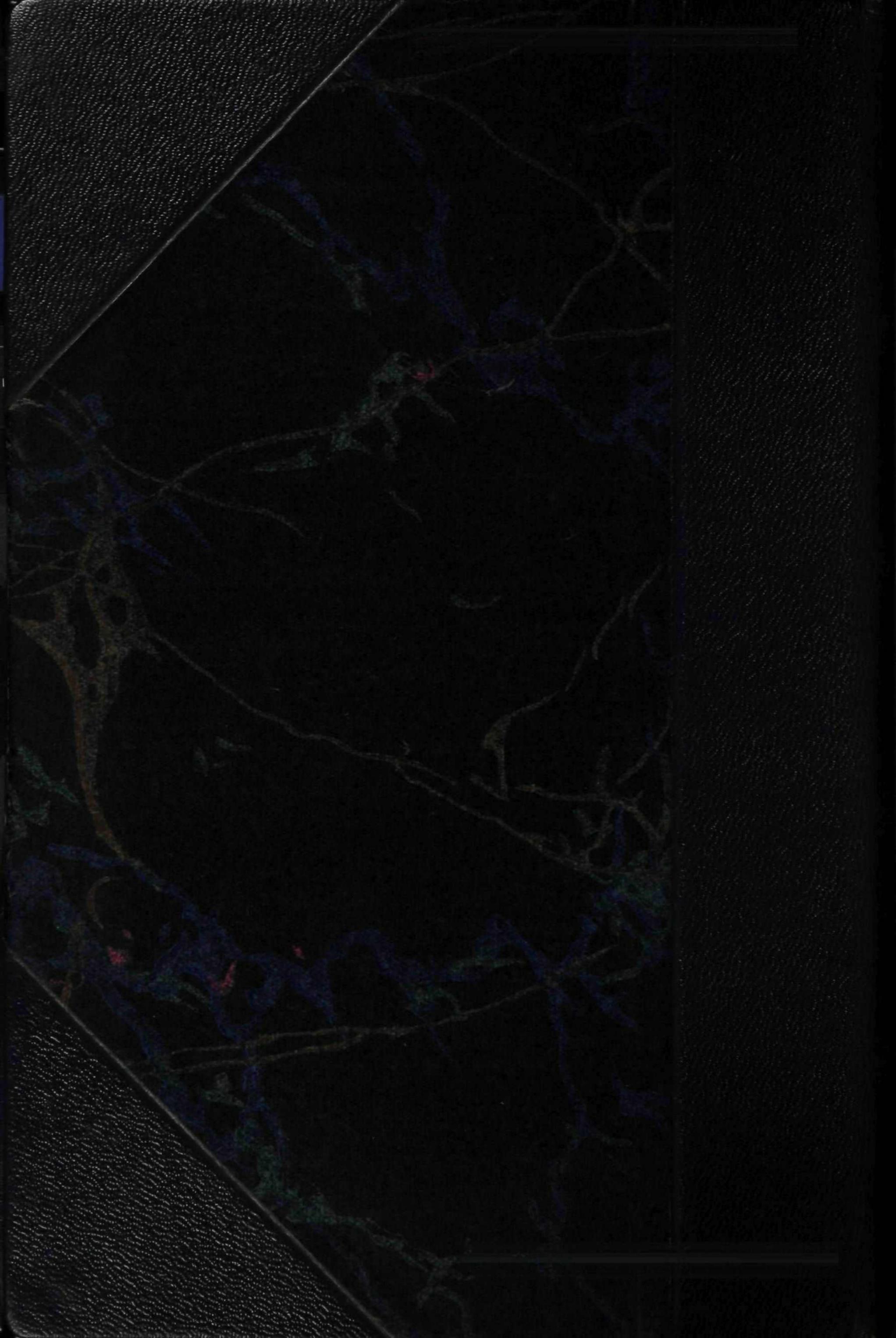
ALUIZIO AZEVEDO

Demonios, um volume nitidamente impresso, contendo do-
ze bellissimos contos.

NO PRELO

A. D. DA CRUZ E SILVA

O Hyssope, nova edição augmentada com o *novo canto*,
inedito e authentic.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).